

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO ESPIRITISMO



Apostila de estudo para iniciantes. Baseada nas obras da codificação da Doutrina Espírita, de Allan Kardec.

Chapecó, Agosto de 2013.

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO ESPIRITISMO
ESTUDO BÁSICO PARA INICIANTES

I – APRESENTAÇÃO	3
II – O QUE É O ESPIRITISMO?	4
III – OS FUNDAMENTOS BÁSICOS DO ESPIRITISMO	5
IV – ANTECEDENTES DA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA.....	6
Fenômeno de Hydesville.....	7
As Mesas girantes	8
Antecedentes Históricos do Espiritismo em O Livro dos Espíritos.....	9
V – ALLAN KARDEC.....	11
Kardec e os Espíritos	11
A Codificação	12
VI - DEUS	13
VII – ORIGEM E NATUREZA DOS ESPÍRITOS.....	16
VIII – A REENCARNAÇÃO	19
IX – COMUNICABILIDADE DOS ESPÍRITOS – MEDIUNIDADE.....	21
A Mediunidade	23
X. CÉU E INFERNO – ANJOS E DEMÔNIOS.....	24
Anjos da Guarda	26
XI – A PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS.....	27
XII – A LEI DE CAUSA E EFEITO	29
XIII – O CONSOLADOR PROMETIDO	32
XIV - PASSE.....	35
XV – A LEI DA ADORAÇÃO – A PRECE – EVANGELHO NO LAR	40
EVANGELHO NO LAR:.....	43
BIBLIOGRAFIA:	46

I – APRESENTAÇÃO

A presente apostila tem por objetivo servir de referencial teórico para o Estudo Básico do Espiritismo na Associação Espírita Nosso Lar, de Chapecó/SC, a partir do primeiro semestre do ano de 2012.

O material ora apresentado, visa propiciar ao iniciante noções básicas do Espiritismo, ensejando a compreensão dos aspectos fundamentais da doutrina e estimulando estudos mais aprofundados.

Para elaboração do conteúdo de estudo, foram utilizadas de forma especial as obras básicas de Allan Kardec, além outras obras, que são referidas na bibliografia, ao final do texto.

Para facilitar a compilação de dados, também foram colhidos materiais na internet, sempre precedidos de análise criteriosa quanto à qualidade das informações e sua conformação com as obras básicas da codificação.

Ressalta-se que somente com estudo sério e perseverante é possível realmente conhecer o espiritismo, conforme adverte Allan Kardec, em O Livro dos Espíritos: “[...] o estudo de uma doutrina, tal como a Doutrina Espírita, que nos lança de repente numa ordem de coisas tão novas e tão grandes, não pode ser feito com resultado senão por homens sérios, perseverantes, isentos de prevenção e animados de uma firme e sincera vontade de atingir um resultado.”.

A necessidade de estudo também é realçada no Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo VI, em que O Espírito de Verdade exorta: “*Espíritas! Amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instruí-vos, eis o segundo*”.

A melhor forma de conhecer o espiritismo é começando pela leitura e estudo dos livros de Allan Kardec, os quais compõem **as Obras Básicas do Espiritismo**. São elas:

O LIVRO DOS ESPÍRITOS – Esse livro é a pedra angular, o livro básico da Doutrina Espírita – foi a partir do seu lançamento, em 1857 que surgiu o espiritismo. Contém os princípios do Espiritismo sobre a imortalidade da alma, a natureza dos espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida futura e o porvir da humanidade. Pode-se dizer que o aspecto filosófico da Doutrina está inserido em O Livro dos Espíritos.

O LIVRO DOS MÉDIUNS – Reúne as explicações sobre todos os gêneros de manifestações mediúnicas, os meios de comunicação e relação com os espíritos, a educação da mediunidade e as dificuldades que eventualmente possam surgir na sua prática. Por estudar os fenômenos mediúnicos, a partir de critérios científicos, identificando a mediunidade como inerente à natureza humana e não como algo sobrenatural, O Livro dos Médiuns apresenta o caráter científico do Espiritismo.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – É o livro dedicado à explicação das máximas de Jesus, de acordo com o Espiritismo e sua aplicação às

diversas situações da vida. Apresenta os ensinamentos morais de Jesus Cristo, em toda a sua pureza e explicados à luz do Espiritismo. Assim, os fundamentos da Religião Espírita, estão em O Evangelho Segundo o Espiritismo.

O CÉU E O INFERNO, ou “A Justiça Divina Segundo o Espiritismo” – Oferece o exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual. Coloca ao alcance de todos, o conhecimento do mecanismo pelo qual se processa a Justiça Divina, mostrando que não existem anjos, nem demônios, mas Espíritos em diferentes graus de evolução, bem como, não há céu nem inferno, mas diversos estados da alma humana, estados esses transitórios.

A GÊNESE – Nesta obra destacam-se os temas: Existência de Deus, origem do bem e do mal, explicações sobre as leis naturais, a criação e a vida no Universo, a formação da Terra, a formação primária dos seres vivos, o homem corpóreo e a união do princípio espiritual à matéria. Também aborda a natureza dos espíritos encarnados e desencarnados e a ação magnética, pela troca fluídica entre os seres.

Para complementar o estudo, indicam-se, ainda, os livros psicografados por Francisco Cândido Xavier, Divaldo Pereira Franco, Yvonne Pereira, José Raul Teixeira, etc. e os livros de Léon Denis, Gabriel Delanne, Hermínio C. Miranda e de outros autores.

Por fim, convém esclarecer que nem toda a obra que se diz “espírita” realmente atende aos preceitos dessa Doutrina. Por isso, para fugir de engodos, é importante ter conhecimento seguro das obras básicas de Allan Kardec, acima citadas. Em outras palavras, para não ser enganado pelas falsas obras espíritas, é preciso que o leitor tenha conhecimento seguro do espiritismo, buscado na sua fonte primeira, que são as obras da codificação.

II – O QUE É O ESPIRITISMO?

O Espiritismo é a doutrina revelada pelos Espíritos Superiores, através de médiuns, e organizada (codificada), no século XIX, por um educador francês, conhecido por Allan Kardec.

A palavra espiritismo foi criada por Allan Kardec, para designar a doutrina que ele codificou. Foi empregada pela primeira vez no Livro dos Espíritos, conforme texto que segue:

"Para as coisas novas necessitam-se de palavras novas, assim é necessário a clareza de linguagem para evitar a confusão inseparável do sentido múltiplo dos mesmos vocábulos. As palavras **espiritual, espiritualista, espiritualismo** têm uma aceção bem definida [...]". Com efeito, o **espiritualismo** é o oposto do materialismo; quem crê haver em si outra coisa que a matéria, é espiritualista. Mas não se segue daí que crê na existência dos espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em lugar das palavras **espiritual, espiritualismo**, empregamos para designar esta última

crença, as de **espírita** e de **espiritismo**. “[...] Diremos, pois, que a Doutrina **Espírita** ou o **Espiritismo** tem por princípios as relações do mundo material com os espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do **Espiritismo** serão **espíritas** ou, se quiser, os **espiritistas**.”

Desta forma, embora hoje as pessoas empreguem a palavra **espiritismo** de maneira equivocada, confundindo com as religiões de origem africana simplesmente pelo fato de elas acreditarem na comunicação com os espíritos e na reencarnação, e embora se fale em **Espiritismo Kardecista** objetivando fazer diferenciação entre a doutrina que professamos e outras doutrinas, seitas e religiões espiritualistas, a verdade é que somente existe um espiritismo, aquele codificado por Allan Kardec.

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, filosofia, ciência e religião.

Filosofia, porque dá uma interpretação da vida, respondendo questões como “de onde eu vim”, “o que faço no mundo”, “para onde irei depois da morte”. Toda doutrina que dá uma interpretação da vida, uma concepção própria do mundo, é uma filosofia.

Ciência, porque estuda, à luz da razão e dentro de critérios científicos, os fenômenos mediúnicos, isto é, fenômenos provocados pelos espíritos e que não passam de fatos naturais. Todos os fenômenos, mesmo os mais estranhos, têm explicação científica. Não existe o sobrenatural no Espiritismo.

Religião, porque tem por objetivo a transformação moral do homem, revivendo os ensinamentos de Jesus Cristo, na sua verdadeira expressão de simplicidade, pureza e amor. Uma religião simples sem sacerdotes, cerimoniais e nem sacramentos de espécie alguma. Sem rituais, culto a imagens, velas, vestes especiais, nem manifestações exteriores.

III – OS FUNDAMENTOS BÁSICOS DO ESPIRITISMO¹

- a) **A existência de Deus** que é o Criador causa primária de todas as coisas. A Suprema Inteligência. É eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom.
- b) **A imortalidade da alma ou espírito**. O espírito é o princípio inteligente do Universo, criado por Deus, para evoluir e realizar-se individualmente pelos seus próprios esforços. Como Espíritos, já existíamos antes do nascimento e continuaremos a existir depois da morte do corpo.
- c) **A Reencarnação**. Criado simples e sem nenhum conhecimento, o espírito é quem decide e cria o seu próprio destino. Para isso, ele é

¹ <http://www.cepacuritiba.org.br/index.php/o-que-espiritismo>

dotado de livre-arbítrio, ou seja, capacidade de escolher entre o bem e o mal. Tem a possibilidade de se desenvolver, evoluir, aperfeiçoar-se, de tornar-se cada vez melhor, mais perfeito, como um aluno na escola, passando de uma série para outra, através dos diversos cursos. Essa evolução requer aprendizado, e o espírito só pode alcançá-la encarnando no mundo e reencarnando, quantas vezes necessárias, para adquirir mais conhecimento, através das múltiplas experiências de vida. O progresso adquirido pelo espírito não é somente intelectual, mas, sobretudo, o progresso moral.

d) A Comunicabilidade dos Espíritos. Os espíritos são seres humanos desencarnados e continuam sendo como eram quando encarnados: bons ou maus, sérios ou brincalhões, trabalhadores ou preguiçosos, cultos ou medíocres, verdadeiros ou mentirosos. Eles estão por toda parte. Não estão ociosos. Pelo contrário, eles têm as suas ocupações. Através dos denominados médiuns, o espírito pode se comunicar conosco, se puder e se quiser.

e) A Pluralidade dos Mundos Habitados. Os diferentes mundos, disseminados pelo espaço infinito, constituem as inúmeras moradas aos Espíritos que neles encarnam. As condições desses mundos diferem quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridades dos seus habitantes.

Acrescenta-se, ainda, a esses fundamentos básicos, extraídos da obra de Divaldo referenciada no item 1 da bibliografia, o seguinte tópico:

f) Jesus: Guia e Modelo para a Humanidade. A questão 625 do Livro dos Espíritos apresenta Jesus como “o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo”, sendo a Doutrina que ele nos ensinou e exemplificou a expressão mais pura da lei de Deus.

Observação: Os pontos fundamentais do espiritismo serão abordados de forma mais aprofundada em itens específicos, na presente apostila.

IV – ANTECEDENTES DA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA

Desde os tempos mais antigos identificam-se a ocorrência de fenômenos espíritos, disseminados no tempo e no espaço.

Mesmo entre os povos mais selvagens como nas civilizações mais evoluídas, há a presença desses fenômenos, os quais ocorreram de forma mais acentuada em determinadas épocas.

Porém as interferências dos espíritos, ocorridas desde a origem do homem são diferentes dos antecedentes do espiritismo, uma vez que estes não

denotam casos esporádicos como ocorria anteriormente, mas uma verdadeira “invasão espiritual organizada”, com objetivos bem definidos, preparando o advento da Doutrina Espírita.

A data que se costuma fixar como passo inicial da história do espiritismo, acontece na época das mesas girantes, na França, em simetria com os fenômenos ocorridos em Hydesville, Rochester nos Estados Unidos, através das irmãs Fox.

A seguir transcrevem-se as informações acerca do chamado fenômeno de Hidesville e das mesas girantes, obtidas na página da internet: <http://www.searadomestre.com.br/evangelizacao/antecedentefenomeno.htm>, acessada em 08-02-2012:

Fenômeno de Hydesville

“Em 1846, Hydesville era uma pequena cidade no interior do estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos. Poucas casinhas de madeira, alguns estabelecimentos comerciais e muita calma. Nessa época foi morar lá, a família Fox, composta do Sr. John Fox (fazendeiro), sua esposa e suas filhas, Margaret então com 12 anos e Kate, de 09 anos. A família Fox tinha seis filhos, mas apenas Margaret e Kate viviam com seus pais”. O primeiro ano da família Fox em Hydesville correu sem incidentes, embora vez por outra, observassem ruídos estranhos à semelhança de "arranhaduras" nas paredes.

Em meados de março de 1848, tais ruídos atingiram proporções gigantescas: pancadas, arrastar de móveis e tremores nas camas. A família estava decidida a mudar-se quando, na noite de 31 de março de 1848 (data que os americanos consideram como de fundação do “Novo Espiritualismo”), a menina Kate, então com 11 anos de idade, decide "interrogar as pancadas":

- Senhor Pé Rachado, faça o que eu faço”, e bateu três palminhas.

Imediatamente ouviu três pancadas.

Margaret, sua irmã de 14 anos de idade, achou interessante e disse:

-“Agora sou eu; faça assim”, e bateu quatro palmas. Quatro pancadas ressoaram. Ela teve medo de fazer novamente a brincadeira. Então Kate disse na sua simplicidade infantil:

-Oh! Mãe! Eu já sei o que é. Amanhã é 1º de abril e alguém quer nos fazer uma brincadeira.

Então a Sra. Fox resolveu fazer um teste que ninguém seria capaz de responder. Pediu que fossem indicadas as idades de seus filhos, sucessivamente. No mesmo instante foi dada a idade exata de cada um, fazendo-se uma pausa de um para o outro, a fim de separá-los, até ao sexto. Então houve uma pausa maior, depois se ouviu três batidas mais fortes,

correspondentes à idade do menor, que havia morrido, sendo no total sete com este último. O fato muito surpreendeu a Sra. Fox.

A partir daí centenas de pessoas foram chamadas a presenciar o fenômeno. Através de pancadas nas paredes de madeira, criou-se um código onde uma pancada significava “sim”, duas significava “não”, e outro onde cada letra do alfabeto significava um número. Foi dessa maneira que as pessoas começaram a se comunicar, descobrindo assim que estavam conversando com um “morto”. Chamava-se Charles Rosma, profissão mascate, que tinha 31 anos quando a pessoa com a qual morava, matou-o a facadas para roubar suas mercadorias e seu dinheiro (em torno de 500 dólares), informando ainda que esse fato acontecera há cinco anos. Seu corpo estava enterrado na adega, três metros abaixo do solo, o que posteriormente foi confirmado.

As meninas cresceram e foram para a Europa onde puderam ser avaliadas por estudiosos da época, confirmando que não houvera nenhum truque nos acontecimentos de Hydesville. A história nos mostrou que elas eram médiuns. “Os fenômenos de Hydesville abriram a porta para muitos outros fenômenos”.

As Mesas girantes

“Em 1850, na França, surgiu um tipo de brincadeira chamada “mesa falante” ou “mesa girante”, que tomou conta dos salões festivos da época”.

As mesas girantes eram mesinhas comuns, de madeira, de três ou quatro pés, em torno da qual se reuniam as pessoas para provocar manifestações de forças desconhecidas na época.

As mãos dos presentes eram colocadas sobre a superfície da mesa ou acima das mesas e estas, através de um fenômeno de efeitos físicos, davam saltos, ficavam em um só pé, giravam, davam pancadas. As pessoas perguntavam as mais diversas questões e as “mesinhas” respondiam, dando soluções para diversos problemas da época.

Informam os historiadores que, nos anos de 1853 a 1855, as mesas girantes constituíam, em Paris, verdadeiro passatempo, sendo diversão quase obrigatória nas reuniões sociais.

Foi em 1854 que um professor de nome Rivail ouviu, pela primeira vez, falar das mesas girantes. Um magnetizador, o Sr. Fortier, velho conhecido de Rivail, foi quem o informou a esse respeito, dizendo que um fato extraordinário estava acontecendo; tratava-se de mesas que falavam e respondiam nas festas dos salões.

Neste ponto Rivail mostrou-se céptico, dizendo-lhe que só acreditaria se visse o fenômeno. Para ele era um absurdo atribuir-se inteligência a uma coisa puramente material.

Em maio de 1855, o professor Rivail teve a oportunidade de, pela primeira vez, presenciar o fenômeno das mesas girantes. Percebeu que não eram as mesas que falavam, mas que se tratava de algo muito importante. Resolveu investigar e estudar como aconteciam esses fenômenos.

Através de muitas pesquisas ele percebeu que as mesinhas não falavam que quem se comunicava eram os espíritos de pessoas que já havia morrido. “O que ninguém poderia imaginar é que dessa brincadeira de salão surgiria o impulso inicial para a codificação do Espiritismo”.

Antecedentes Históricos do Espiritismo em O Livro dos Espíritos

Na introdução de O Livro dos Espíritos, Kardec relata:

“O primeiro fato observado foi o de que diversos objetos se movimentavam; de maneira geral, chamaram-no de mesas girantes ou dança das mesas. Esse fenômeno, observado primeiramente nos Estados Unidos, ou melhor, que se repetiu e foi anunciado naquele país, porque a história prova que remonta à mais alta Antiguidade, se produziu acompanhado de circunstâncias estranhas, como barulhos anormais, pancadas sem causa aparente ou conhecida. Dos Estados Unidos se propagou rapidamente pela Europa e em seguida por todo o mundo. A princípio houve muita incredulidade, mas a multiplicidade das experiências não mais permitiu duvidar da realidade.

[...]

Se os fenômenos de que nos ocupamos fossem restritos ao movimento dos objetos, estariam dentro, como dissemos, do domínio das ciências físicas. Mas não foi isso que aconteceu: estavam destinados a nos colocar no caminho de fatos de uma natureza estranha. Acreditou-se descobrir, não sabemos por iniciativa de quem, que a impulsão dada aos objetos não era somente produto de uma força mecânica cega, mas que havia nesse movimento a intervenção de uma causa inteligente. Esse caminho, uma vez aberto, revelou um campo totalmente novo de observações: era o véu levantado de sobre muitos mistérios. Há, de fato, um poder inteligente? Essa é a questão. Se esse poder existe, qual é ele, qual é a sua natureza, sua origem? Ele está acima da humanidade? Essas são as outras questões decorrentes da primeira.

As primeiras manifestações inteligentes aconteceram por meio de mesas se levantando e batendo, com um dos pés, um número determinado de pancadas e respondendo desse modo sim ou não, segundo fora convencionado, a uma questão proposta. Até aí, não havia nada de convincente para os céticos, porque se podia acreditar num efeito do acaso. Obtiveram-se, em seguida, respostas mais desenvolvidas por meio das letras do alfabeto: o objeto móvel, batendo um número de vezes correspondente ao número de ordem de cada letra, chegava a formular palavras e frases respondendo às perguntas propostas. A precisão das respostas e sua correlação com a pergunta causaram espanto. O ser misterioso que assim respondia, quando interrogado sobre sua natureza, declarou que era um

Espírito ou gênio, deu o seu nome e forneceu diversas informações a seu respeito. Aqui há um fato muito importante que convém ressaltar: ninguém havia imaginado os Espíritos como um meio de explicar o fenômeno. Foi o próprio fenômeno que se revelou. Muitas vezes, nas ciências exatas, formulam-se hipóteses para se ter uma base de raciocínio, mas isso não ocorreu nesse caso.

Esse meio de comunicação era demorado e incômodo. O Espírito, e isso ainda é uma circunstância digna de nota, indicou um outro processo. Foi um desses seres espirituais que ensinou a prender um lápis a um pequeno cesto ou a um outro objeto. Esse cesto, colocado sobre uma folha de papel, foi posto em movimento pelo mesmo poder oculto que fazia mover as mesas; mas, em vez de um simples movimento regular, o lápis traçou, por si mesmo, letras formando palavras, frases e discursos inteiros de muitas páginas, tratando das mais altas questões da filosofia, da moral, da metafísica, da psicologia, etc., e isso com tanta rapidez como se fosse escrito à mão.

Esse conselho foi dado simultaneamente nos Estados Unidos, na França e em diversos países. Eis os termos em que foi dado em Paris, no dia 10 de junho de 1853, a um dos mais fervorosos adeptos da Doutrina, que desde 1849 se ocupava com a evocação dos Espíritos: “Vá pegar no quarto ao lado o pequeno cesto; prenda-lhe um lápis, coloque-o sobre um papel e ponha os dedos sobre a borda”. Alguns instantes depois, o cesto se pôs em movimento, e o lápis escreveu esta frase muito claramente: “O que eu vos digo aqui, eu vos proíbo expressamente de o dizer a alguém. A próxima vez que eu escrever, escreverei melhor”.

O objeto ao qual se adaptava o lápis era apenas um instrumento, sua natureza e forma não tinham importância. Procurou-se sua disposição mais cômoda, por isso muitas pessoas fazem uso de uma pequena prancheta.

O cesto ou a prancheta apenas podem ser colocados em movimento sob a influência de algumas pessoas dotadas, para esse fim, de um poder especial e que são designadas como médiuns, isto é, intermediários entre os Espíritos e os homens. As condições de que se origina esse poder especial têm causas ao mesmo tempo físicas e morais ainda desconhecidas, visto que se encontram médiuns de todas as idades, de ambos os sexos e em todos os graus de desenvolvimento intelectual. Essa faculdade, esse dom, se desenvolve pelo exercício.



Prancheta de Psicografia Indireta ou Cesto Pião. Fonte: http://www.guia.heu.nom.br/images/Prancheta_PsicografialIndireta.jpg. Acesso em 26/08/2013

[...]

Mais tarde se reconheceu que o cesto ou a prancheta, na realidade, era apenas um substituto da mão, e o médium, pegando diretamente o lápis, pôs-se a escrever por um impulso involuntário e quase febril. Dessa forma, as comunicações tornaram-se mais rápidas, fáceis e completas. Hoje é o meio mais empregado, tanto é que o número de pessoas dotadas dessa aptidão é muito grande e multiplicam-se todos os dias. “A experiência fez conhecer outras variedades da faculdade mediúnica e constatou-se que as comunicações poderiam igualmente ter lugar pela fala, pela audição, pela visão, pelo tato, etc. e até mesmo pela escrita direta dos Espíritos, ou seja, sem a interferência da mão do médium nem do lápis”.

V – ALLAN KARDEC

Para relatar sobre o codificador da Doutrina Espírita, se utilizam informações obtidas na página da internet:

<http://www.espirito.org.br/portal/palestras/geap/biokardec.html>, acesso em 07-2-2012.

Hippolyte Léon Denizard Rivail, ou simplesmente Allan Kardec, foi o codificador da Doutrina Espírita. Antes de conhecermos melhor a vida deste professor francês, mostraremos como foi seu primeiro contato com o mundo espiritual, que conseqüentemente serviu de marco inicial para o Espiritismo.

Kardec e os Espíritos

Em 1855, Hippolyte Léon Denizard Rivail, professor francês de aritmética, pesquisador de astronomia e magnetismo, foi convidado por um amigo seu a ver de perto estas manifestações que ocorriam nos salões da capital francesa. Rivail era discípulo de Pestalozzi, chamado de pai da pedagogia moderna, e casado com Amélie Gabrielle Boudet. Nascido em 03 de outubro de 1804, na cidade de Lyon, já ouvira sobre o assunto das mesas girantes e não entendia bem o que estava acontecendo. Homem criterioso, Rivail não se deixava levar por modismos e como estudioso do magnetismo humano acreditava que todos os acontecidos poderiam estar ligados à ação das próprias pessoas envolvidas, e não de uma possível intervenção espiritual.

O professor então participou de algumas sessões, e algo começou a intrigá-lo. Percebeu que muitas das respostas emitidas através daqueles objetos inanimados fugiam do conhecimento cultural e social dos que faziam parte do "espetáculo". Como os móveis, por si só, não poderiam mover-se, fatalmente havia algum tipo de inteligência invisível atuando sobre os mesmos, e respondendo aos questionamentos dos presentes.

Rivail presenciava a afirmação daqueles que se manifestavam, dizendo-se almas dos homens que viveram sobre a Terra. Foi então, que uma das mensagens foi dirigida ao professor. Um ser invisível disse-lhe ser um Espírito chamado Verdade e que ele, Rivail, tinha uma missão a desenvolver, que seria a codificação de uma nova doutrina.

Atento aos dizeres do Espírito, e depois de muitos questionamentos à entidade, pois não era homem de impressionar-se com elogios, resolveu aceitar a tarefa que lhe fora incumbida.

O Espírito de Verdade disse-lhe ser sim uma falange de Espíritos superiores que vinha até aos homens cumprir a promessa de Jesus, no Evangelho de João, capítulo XIV; versículos 15 a 26: "E eu rogarei ao Pai e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre; o Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conhecereis, porque habita convosco e estará em vós... Mas, aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito".

Através dos Espíritos, Rivail descobriu que em uma de suas encarnações anteriores foi um sacerdote druida, de nome Allan Kardec. Foi então que resolveu adotar este pseudônimo durante a codificação da nova doutrina, que viria a se chamar Doutrina Espírita ou Espiritismo. Kardec assim procedeu para que as pessoas, ao tomarem conhecimento dos novos ensinamentos espirituais, não os aceitassem por ser ele, um conhecido educador, quem estivesse divulgando. Mas sim, que todos os que tivessem contato com a boa nova a aceitassem pelo seu teor racional e sua metodologia objetiva, independente de quem a divulgasse ou a apoiasse.

A Codificação

A partir daí foram 14 anos de organização da Doutrina Espírita. No início, para receber dos Espíritos as respostas sobre os objetivos de suas comunicações e os novos ensinamentos, Kardec utilizou um novo mecanismo, a chamada cesta-pião: um tipo de cesta que tinha em seu centro um lápis. Nas bordas das cestas, os médiuns, pessoas com capacidade de receber mais ostensivamente a influência dos Espíritos, colocavam suas mãos, e através de movimentos involuntários, as frases-respostas iam se formando. Julie e Caroline Baudin, duas adolescentes de 14 e 16 anos respectivamente, foram as médiuns mais utilizadas por Kardec no início.

Com o decorrer do tempo, a cesta-pião foi dando lugar à utilização das próprias mãos dos médiuns, fenômeno que ficou conhecido como psicografia. Todas as perguntas e respostas feitas por Kardec aos Espíritos eram revisadas e analisadas várias vezes, dentro do bom senso necessário para tal. As mesmas perguntas respondidas pelos Espíritos através das médiuns eram submetidas a outros médiuns, em várias partes da Europa e América. Assim, o codificador viajou por cerca de 20 cidades. Isso para que as colocações dos

Espíritos tivessem a credibilidade necessária, pois estes médiuns não mantinham contato entre eles, somente com Kardec.

Este controle rígido de tudo o que vinha de informações do mundo espiritual ficou conhecido por "Controle Universal dos Espíritos". Disto, estabeleceu-se dentro da Doutrina Espírita que qualquer informação vinda do plano espiritual só terá validade para o Espiritismo se for constatada em vários lugares, através de diversos médiuns, que não mantenham contato entre si. Fora isso, toda comunicação espiritual será uma opinião particular do Espírito comunicante.

Com todo um esquema coerentemente montado, Allan Kardec preparou o lançamento das cinco Obras Básicas da Doutrina Espírita, a Codificação, tendo início em 1857 com o lançamento de "O Livro dos Espíritos". Estes livros contêm toda a teoria e prática da doutrina, os princípios básicos e as orientações dos Espíritos sobre o mundo espiritual e sua constante influência sobre o mundo material.

Durante a codificação, Kardec lançou um periódico mensal chamado "Revista Espírita", em 1858. Nele, comentava notícias, fenômenos mediúnicos e informava aos adeptos da nova doutrina o crescimento da mesma e sua divulgação. Servia várias vezes como fórum de debates doutrinários, entre partidários e contrários ao Espiritismo. A Revista Espírita foi a semente da imprensa doutrinária.

No mesmo ano, Kardec viria a fundar a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Constituída legalmente, a entidade passou a ser a sociedade central do Espiritismo, local de estudos e incentivadora da formação de novos grupos.

Allan Kardec desencarnou em 31 de março de 1869, aos 65 anos, vítima de um aneurisma. "Sua persistência e estudo constantes foram essenciais para a elaboração do movimento espírita e organização dos ensinamentos do Espírito de Verdade".

VI – DEUS

A primeira questão proposta por Kardec em O Livro dos Espíritos é a respeito de Deus, conforme segue²:

1 - O que é Deus?

– Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.

[...]

² As perguntas são elaboradas por Kardec, com travessão são as respostas dos Espíritos, seguidas de comentários de Kardec.

Provas da Existência de Deus

4 - Onde podemos encontrar a prova da existência de Deus?

– Num axioma que aplicais às vossas ciências: não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem, e a vossa razão vos responderá.

Para acreditar em Deus, basta ao homem lançar os olhos sobre as obras da criação. O universo existe, portanto ele tem uma causa. Duvidar da existência e Deus seria negar que todo efeito tem uma causa e admitir que o nada pôde fazer alguma coisa.”

[...]

5 - Que conclusão podemos tirar do sentimento intuitivo que todos os homens trazem em si mesmos da existência de Deus?

– A de que Deus existe; de onde lhes viria esse sentimento se repousasse sobre o nada? É ainda uma consequência do princípio de que não há efeito sem causa.

6 - O sentimento íntimo que temos em nós da existência de Deus não seria o efeito da educação e das ideias adquiridas?

– Se fosse assim, por que vossos selvagens teriam também esse sentimento?

Se o sentimento da existência de um ser supremo fosse o produto de um ensinamento, não seria universal. Somente existiria naqueles que tivessem recebido esse ensinamento, como acontece com os conhecimentos científicos.

7 - Poderemos encontrar a causa primária da formação das coisas nas propriedades íntimas da matéria?

– Mas, então, qual teria sido a causa dessas propriedades? Sempre é preciso uma causa primária.

Atribuir a formação primária das coisas às propriedades íntimas da matéria seria tomar o efeito pela causa, porque essas propriedades são elas mesmas um efeito que deve ter uma causa.

8 - O que pensar da opinião que atribui a formação primária a uma combinação accidental e imprevista da matéria, ou seja, ao acaso?

– Outro absurdo! Que homem de bom senso pode conceber o acaso como um ser inteligente? E, além de tudo, o que é o acaso? Nada.

A harmonia que regula as atividades do universo revela combinações e objetivos determinados e, por isso mesmo, um poder inteligente. Atribuir a formação primária ao acaso seria um contra-senso, porque o acaso é cego e

não pode produzir os efeitos que a inteligência produz. Um acaso inteligente não seria mais um acaso.

9 - Onde é que se vê na causa primária a manifestação de uma inteligência suprema e superior a todas as inteligências?

– Tendes um provérbio que diz: “Pela obra reconhece-se o autor.” Pois bem: olhai a obra e procurai o autor. É o orgulho que causa a incredulidade. O homem orgulhoso não admite nada acima dele; é por isso que se julga um espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus pode abater!

Julga-se o poder de uma inteligência por suas obras. Como nenhum ser humano pode criar o que a natureza produz, a causa primária é, portanto, uma inteligência superior à humanidade. Quaisquer que sejam os prodígios realizados pela inteligência humana, essa inteligência tem ela mesma uma causa e, quanto mais grandioso for o que ela realize, maior deve ser a causa primária. É essa inteligência superior que é a causa primária de todas as coisas, qualquer que seja o nome que o homem lhe queira dar.

[...]

10 - O homem pode compreender a natureza íntima de Deus?

– Não, falta-lhe, para isso, um sentido.

11 - Um dia será permitido ao homem compreender o mistério da Divindade?

– Quando seu Espírito não estiver mais obscurecido pela matéria e, pela sua perfeição, estiver mais próximo de Deus, então o verá e o compreenderá.

A inferioridade das faculdades do homem não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus. Na infância da humanidade, o homem O confunde muitas vezes com a criatura, da qual lhe atribui as imperfeições; mas, à medida que o senso moral nele se desenvolve, seu pensamento compreende melhor o fundo das coisas e ele faz uma ideia de Deus mais justa e mais conforme ao seu entendimento, embora sempre incompleta.

12 - Se não podemos compreender a natureza íntima de Deus, podemos ter ideia de algumas de suas perfeições?

– Sim, de algumas. O homem as compreende melhor à medida que se eleva acima da matéria. Ele as pressente pelo pensamento.

13 - Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, não temos uma ideia completa de seus atributos?

– Do vosso ponto de vista, sim, porque acreditais abranger tudo. Mas ficai sabendo bem que há coisas acima da inteligência do homem mais inteligente e que a vossa linguagem, limitada às vossas ideias e sensações, não tem

condições de explicar. A razão vos diz, de fato, que Deus deve ter essas perfeições em grau supremo, porque se tivesse uma só de menos, ou que não fosse de um grau infinito, não seria superior a tudo e, por conseguinte, não seria Deus. Por estar acima de todas as coisas, Ele não pode estar sujeito a qualquer instabilidade e não pode ter nenhuma das imperfeições que a imaginação possa conceber.

Deus é eterno. Se Ele tivesse tido um começo teria saído do nada, ou teria sido criado por um ser anterior. É assim que, de degrau em degrau, remontamos ao infinito e à eternidade. É imutável; se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o universo não teriam nenhuma estabilidade. É imaterial, ou seja, sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria; de outro modo não seria imutável, porque estaria sujeito às transformações da matéria. É único; se houvesse vários deuses, não haveria unidade de desígnios, nem unidade de poder na ordenação do universo. É todo-poderoso, porque é único. Se não tivesse o soberano poder, haveria alguma coisa mais ou tão poderosa quanto Ele; não teria feito todas as coisas e as que não tivesse feito seriam obras de um outro Deus. É soberanamente justo e bom. A sabedoria providencial das Leis Divinas se revela nas menores como nas maiores coisas, e essa sabedoria não permite duvidar de sua justiça nem de sua bondade.

VII – ORIGEM E NATUREZA DOS ESPÍRITOS

Na questão 76 de O Livro dos Espíritos, há a seguinte definição:

“Pode-se dizer que os Espíritos são os seres inteligentes da Criação”.

Os Espíritos da codificação prosseguem colocando que os Espíritos são obras de Deus, referindo que “os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo dessa formação é que são desconhecidos” (questão 79).

Após terem esclarecidos que se os Espíritos não tivessem um princípio seriam iguais a Deus, dizem que quando e como cada um de nós foi criado, ninguém o sabe: esse é o mistério.

Conforme O Livro dos Espíritos, “Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal”, sendo o Espírito “o princípio inteligente do universo” (questões 27 e 23).

Os Espíritos da codificação esclarecem que “ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o Espírito e a matéria propriamente dita”, sendo esse fluido suscetível, pelas suas inúmeras combinações com a matéria e sob a ação do Espírito, de produzir a infinita variedade das coisas. Desta forma, embora uno em sua essência, o homem constitui-se de Espírito, Perispírito e Corpo carnal.

O Espírito é a essência, a inteligência, sendo sua existência um fato que se afirma por seus efeitos, conforme aborda Allan Kardec no capítulo XI de A Gênese, explicando que “todo efeito tendo uma causa, todo o efeito inteligente deve ter uma causa inteligente”. Desta forma, não sendo possível atribuir pensamento à matéria, nem mesmo a um homem morto e “se o homem vivo pensa, pois, que há nele alguma coisa que não há mais quando está morto”.

O Codificador prossegue ensinando que o progresso é a condição normal dos seres espirituais, sendo os mundos materiais que devem fornecer a esses seres os elementos da atividade para o desenvolvimento da sua inteligência. Para o desenvolvimento das suas faculdades, é necessário que o Espírito possa atuar sobre a matéria, por isso veio habitá-la, tendo Deus criado corpos organizados, flexíveis, capazes de receber os impulsos da vontade e de se prestar aos seus movimentos. “O corpo é, pois, ao mesmo tempo, o envoltório e o instrumento do Espírito”, sendo o próprio Espírito que dá forma a esse envoltório e o apropria às suas necessidades, aperfeiçoando e desenvolvendo o corpo material, conforme evolua a inteligência que o comanda.

Sendo de essência espiritual, o Espírito é um ser indefinido, abstrato, não podendo ter ação direta sobre a matéria, necessitando, para isso, de um intermediário: o Perispírito. O Perispírito é o envoltório do Espírito, atuando como intermediário entre a essência e a matéria, tendo natureza semi-material. Assim, o Perispírito é o veículo para transmissão do pensamento do ser espiritual, para que sua vontade possa agir no corpo físico e para que as sensações exteriores repercutam no Espírito.

Outro elemento essencial à compreensão da vida humana é o “Princípio Vital”. Esse princípio existe na matéria orgânica, sendo diferente do princípio espiritual, estando “ativo no ser vivo” e “extinto no ser morto” (A Gênese, cap. X).

Assim, a origem do ser inteligente é espiritual e, para que esse ser possa aperfeiçoar-se, ele se utiliza do corpo material para atuar no plano físico. A união do Espírito com o corpo ocorre por intermédio do perispírito, sob a influência do princípio vital. Sofrendo as injunções da matéria, após funcionar algum tempo, o corpo se desorganiza e decompõe, se extinguindo o princípio vital que o anima, ocorrendo a morte. Sem vitalidade, o corpo não tem mais utilidade ao Espírito, que dele se retira, levando o perispírito, sem que haja qualquer solução de continuidade na vida espiritual. Deixando um corpo, o Espírito, geralmente, permanece um certo lapso de tempo na vida espiritual, onde mantém sua individualidade e igualmente progride, para depois retornar em outro corpo para nova etapa de aprendizado, o que se chama reencarnação.

Por fim, é importante mencionar que, na reencarnação, um laço fluídico, consistente na expansão do perispírito, prende o Espírito reencarnante ao corpo em formação, desde o momento da concepção. Desta forma, o corpo em formação não sofre somente os impositivos genéticos, mas a influência do Espírito e do próprio perispírito, que lhe serve de molde, atendendo aos impositivos das leis naturais, entre elas a Lei de Ação e Reação e a Lei do Progresso.

Na página <http://www.espirito.org.br/portal/cursos/cbe-adeq/caderno05-origem.html>, há o seguinte comentário sobre as questões 76 e 79 de O Livro dos Espíritos:

“Podemos deduzir, dos ensinamentos acima, que a natureza do espírito não é a mesma da matéria”. A posição da doutrina espírita é bem definida quanto à origem do espírito e da matéria. No capítulo 11, n. 6, de A Gênese, ele desenvolve o seguinte raciocínio:

O princípio espiritual teria a sua fonte no elemento cósmico universal? Não seria apenas uma transformação, um modo de existência deste elemento, como a luz, a eletricidade, o calor, etc.?

Se assim fosse, o princípio espiritual passaria pelas vicissitudes da matéria; extinguir-se-ia, pela desagregação, como o princípio vital; o ser inteligente só teria uma existência momentânea, como o corpo, e com a morte voltaria ao nada, ou - o que viria a dar no mesmo - ao Todo Universal. Seria, numa palavra, a sanção das doutrinas materialistas».

Sobre o que não paira a menor dúvida é acerca da união do princípio espiritual à matéria, e, em estágios mais avançados, já o espírito individualizado, que se serve da matéria como elemento indispensável ao seu progresso... É assim que tudo serve, tudo se encadeia na natureza, desde o átomo primitivo até ao arcanjo, pois mesmo este último começou pelo átomo. Admirável lei de harmonia, de que o vosso espírito limitado ainda não pode abarcar o conjunto.

Nem todos os espíritos tiveram o seu início aqui na Terra. Todavia, o nosso planeta começou a oferecer a possibilidade de surgimento da vida quando as grandes convulsões telúricas se atenuaram, dando condições para que o princípio espiritual, em obediência aos ditames divinos, desse origem ao surgimento das formas mais rudimentares de vida. Daí para frente, ao longo de milênios, a imensa cadeia de seres que existem, ou que existiram, estabeleceu-se, servindo cada espécie de filtro de transformismo para o espírito, na sua marcha ascensional no rumo da perfeição.

Pode parecer contraditório que, estudando o mundo dos espíritos, entremos em considerações sobre a vida na Terra. Todavia, ao tratarmos da origem e natureza dos espíritos, não poderíamos fazê-lo de outro modo, já que, tanto nas obras básicas, como noutras, de autores encarnados e desencarnados de reconhecido valor, e que demonstram profundo respeito pela doutrina, é enfatizada a marcha do espírito pelos escalões inferiores da natureza. (Transcrevemos as questões n. 607 e 607-a) de O Livro dos Espíritos, para darmos uma ideia dessa posição:

Ficou dito que a alma do homem, na sua origem, se assemelha ao estado de infância da vida corpórea, que a sua inteligência apenas desponta, e que ela ensaia para a vida. Onde cumpre o espírito essa primeira fase?

Numa série de existências que precederam o período a que chamais de humanidade.

Parece, assim, que a alma teria sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação?

- Não dissemos que tudo se encadeia na natureza, e tende à unidade? É nesses seres, que estais longe de conhecer inteiramente, que o princípio inteligente se elabora e se individualiza pouco a pouco, e ensaia para a vida, como dissemos. É, de certa maneira, um trabalho preparatório, como o da germinação, a seguir ao qual o princípio inteligente sofre uma transformação, e se torna espírito. É então que começa para ele o período de humanidade, e com este a consciência do seu futuro, a distinção do bem e do mal e a responsabilidade dos seus atos. Como depois do período da infância vem o da adolescência, depois a juventude, e por fim a idade madura. Nada há, de resto, nessa origem, que deva humilhar o homem. Os grandes gênios sentem-se humilhados por terem sido fetos informes no ventre materno? Se alguma coisa deve humilhá-los, é a sua inferioridade perante Deus, e a sua impotência para sondar a profundidade dos seus desígnios e a sabedoria das leis que regulam a harmonia do Universo. Reconheci a grandiosidade de Deus nessa admirável harmonia que faz a solidariedade de todas as coisas da Natureza. Crer que Deus pudesse ter feito qualquer coisa sem objetivo, e criar seres inteligentes sem futuro, seria blasfemar contra a sua bondade, que se estende sobre todas as criaturas.

Para concluir, podemos afirmar que nossa origem é espiritual e é por esta razão que morremos, pois através do fenômeno da morte do corpo físico (ou desencarnação), o Espírito retorna à sua verdadeira pátria. Logo, a vida orgânica é transitória, porém, a vida espiritual é eterna.

VIII – A REENCARNAÇÃO

“Reencarnar é voltar a viver num novo corpo físico. É uma nova oportunidade de aprendizado, como prova do amor de Deus para seus filhos. Só através da reencarnação se prova a justiça e a bondade de Deus, pois é a única explicação racional para as desigualdades sociais existentes no mundo. Como explicar o fato de crianças que morrem em tenra idade, enquanto outras criaturas vivem quase 100 anos? Como explicar os que nascem com saúde perfeita, enquanto outros nascem com deficiências físicas grosseiras? Somente a reencarnação nos dá a chave desse "mistério". Com as múltiplas experiências na carne, temos a chance de adquirir e aprimorar conhecimentos que ainda nos faltam nos campos do intelecto e da moral. Além de reatar as amizades com nossos inimigos e reparar erros do passado. Quando estivermos evoluídos moral e intelectualmente, não mais necessitaremos reencarnar”.

“Não se pode precisar o número de reencarnações que uma pessoa já teve, pois isso depende do estado evolutivo em se encontra o Espírito. Uns evoluem mais rápido por seu maior esforço, portanto necessitam de passar

menor número de vezes na carne, outros são mais lentos permanecendo mais tempo no mundo de sofrimentos. Tudo dependerá de nós. Quanto mais rápido progredirmos moral e intelectualmente, menos encarnações teremos que sofrer. Quando nosso Espírito tiver alcançado todos os graus de evolução moral e intelectual, seremos Espíritos puros. Um exemplo de Espírito puro é o Mestre Jesus”³.

Na obra O Céu e o Inferno, capítulo III, Kardec fala da necessidade da reencarnação, nos termos que seguem:

“A encarnação é necessária ao duplo progresso moral e intelectual do Espírito: ao progresso intelectual pela atividade obrigatória do trabalho; ao progresso moral pela necessidade recíproca dos homens entre si. A vida social é a pedra de toque das boas ou más qualidades”.

[...]

“Uma só existência corporal é manifestamente insuficiente para o Espírito adquirir todo o bem que lhe falta e eliminar o mal que lhe sobra”.

[...]

“Para cada nova existência de permeio à matéria, entra o Espírito com o cabedal adquirido nas anteriores, em aptidões, conhecimentos intuitivos, inteligência e moralidade”.

[...]

“Cada existência é assim um passo avante no caminho do progresso. A encarnação é inerente à inferioridade dos Espíritos, deixando de ser necessária desde que estes, transpondo-lhe os limites, ficam aptos para progredir no estado espiritual, ou nas existências corporais de mundos superiores, que nada têm da materialidade terrestre. Da parte destes a encarnação é voluntária, tendo por fim exercer sobre os encarnados uma ação mais direta e tendente ao cumprimento da missão que lhes compete junto dos mesmos. Desse modo aceitam abnegadamente as vicissitudes e sofrimentos da encarnação”.

[...]

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.

³ <http://www.espirito.org.br/porta/pe/ntas/prg-008.html>, acesso em 27/02/2012.

IX – COMUNICABILIDADE DOS ESPÍRITOS – MEDIUNIDADE

No capítulo I do Livro dos Médiuns, Kardec assevera que “seja qual for a ideia que dos Espíritos se faça, a crença neles necessariamente se funda na existência de um princípio inteligente fora da matéria”, afirmando que os Espíritos não são senão as almas dos homens, despojadas do invólucro corpóreo.

Kardec prossegue:

“Figuremos, primeiramente, o Espírito em união com o corpo. Ele é o ser principal, pois que é o ser que pensa e sobrevive. O corpo não passa de um acessório seu, de um invólucro, uma veste, que ele deixa, quando usada. Além desse invólucro material, tem o Espírito um segundo, semimaterial, que o liga ao primeiro. Por ocasião da morte, despoja-se deste, porém não do outro, a que damos o nome de perispírito. Esse invólucro semimaterial, que tem a forma humana, constitui para o Espírito um corpo fluídico, vaporoso, mas que, pelo fato de nos ser invisível no seu estado normal, não deixa de ter algumas das propriedades da matéria. O Espírito não é, pois, um ponto, uma abstração; é um ser limitado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável, para se assemelhar aos seres humanos. Por que, então, não haveria de atuar sobre a matéria? Por ser fluídico o seu corpo? Mas, onde encontra o homem os seus mais possantes motores, senão entre os mais rarificados fluidos, mesmo entre os que se consideram imponderáveis, como, por exemplo, a eletricidade? Não é exato que a luz, imponderável, exerce ação química sobre a matéria ponderável? Não conhecemos a natureza íntima do perispírito. Suponhamo-lo, todavia, formado de matéria elétrica, ou de outra tão sutil quanto esta: por que, quando dirigido por uma vontade, não teria propriedade idêntica à daquela matéria?”

[...]

“Resta agora a questão de saber se o Espírito pode comunicar-se com o homem, isto é, se pode com este trocar ideias. Por que não? Que é o homem, senão um Espírito aprisionado num corpo? Por que não há de o Espírito livre de comunicar com o Espírito cativo, como o homem livre com o encarcerado?”

No capítulo II, do Livro dos Médiuns, Kardec afirma:

“O pensamento é um dos atributos do Espírito; a possibilidade, que eles têm, de atuar sobre a matéria, de nos impressionar os sentidos e, por conseguinte, de nos transmitir seus pensamentos, resulta, se assim nos podemos exprimir, da constituição fisiológica que lhes é própria. Logo, nada há de sobrenatural neste fato, nem de maravilhoso”.

[...]

“Assim foi que, de observação em observação, se chegou ao reconhecimento de que esse ser invisível, a que deram o nome de Espírito, não é senão a alma dos que viveram corporalmente, aos quais a morte arrebatou o grosseiro invólucro visível, deixando-lhes apenas um envoltório etéreo, invisível

no seu estado normal. Eis, pois, o maravilhoso e o sobrenatural reduzidos à sua mais simples expressão”.

“Uma vez comprovada a existência de seres invisíveis, a ação deles sobre a matéria resulta da natureza do envoltório fluídico que os reveste. É inteligente essa ação, porque, ao morrerem, eles perderam tão-somente o corpo, conservando a inteligência que lhes constitui a essência mesma. Aí está a chave de todos esses fenômenos tidos erradamente por sobrenaturais. A existência dos Espíritos não é, portanto, um sistema preconcebido, ou uma hipótese imaginada para explicar os fatos: é o resultado de observações e consequência natural da existência da alma. Negar essa causa é negar a alma e seus atributos. Dignem-se de apresentá-la os que pensam em poder dar desses efeitos inteligentes uma explicação mais racional e, sobretudo, de apontar a causa de todos os fatos, e então será possível discutir-se o mérito de cada uma.”

No capítulo IV do Livro dos Médiuns, constam as seguintes observações de Kardec:

Eis aqui as consequências gerais deduzidas de uma observação completa e que agora formam a crença, pode-se dizer, da universalidade dos espíritas, visto que os sistemas restritivos não passam de opiniões insuladas:

1º Os fenômenos espíritas são produzidos por inteligências extracorpóreas, às quais também se dá o nome de Espíritos;

2º Os Espíritos constituem o mundo invisível; estão em toda parte; povoam infinitamente os espaços; temos muitos, de contínuo, em torno de nós, com os quais nos achamos em contacto;

3º Os Espíritos reagem incessantemente sobre o mundo físico e sobre o mundo moral e são uma das potências da Natureza;

4º Os Espíritos não são seres à parte, dentro da criação, mas as almas dos que hão vivido na Terra, ou em outros mundos, e que despiram o invólucro corpóreo; donde se segue que as almas dos homens são Espíritos encarnados e que nós, morrendo, nos tornamos Espíritos;

5º Há Espíritos de todos os graus de bondade e de malícia, de saber e de ignorância;

6º Todos estão submetidos à lei do progresso e podem todos chegar à perfeição; mas, como têm livre-arbítrio, lá chegam em tempo mais ou menos longo, conforme seus esforços e vontade;

7º São felizes ou infelizes, de acordo com o bem ou o mal que praticaram durante a vida e com o grau de adiantamento que alcançaram. A felicidade perfeita e sem mescla é partilha unicamente dos Espíritos que atingiram o grau supremo da perfeição;

8º Todos os Espíritos, em dadas circunstâncias, podem manifestar-se aos homens; indefinido é o número dos que podem comunicar-se;

9º Os Espíritos se comunicam por médiuns, que lhes servem de instrumentos e intérpretes;

10º Reconhecem-se a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos pela linguagem de que usam; os bons só aconselham o bem e só dizem coisas proveitosas; tudo neles lhes atesta a elevação; os maus enganam e todas as suas palavras trazem o cunho da imperfeição e da ignorância.

A Mediunidade

É de se salientar que embora grande parte das pessoas associem qualquer prática mediúnica ao Espiritismo, a mediunidade não lhe constitui uma exclusividade, havendo manifestações do fenômeno mediúnico nas mais diversas religiões ou seitas.

O que é correto afirmar é que o Espiritismo foi, de fato, a Doutrina que mais se ocupou do seu estudo sério e sistematizado, se propondo a uma abordagem própria das ciências.

Também se afigura verdadeira a constatação de que existe sim uma **prática mediúnica espírita**, sendo esta aquela desenvolvida de forma totalmente desinteressada (gratuita), nos moldes delineados pela codificação espírita, com o propósito de auxiliar o Homem na sua evolução e fugindo de qualquer prática frívola ou finalidade outra que se situe fora das finalidades de seriedade, instrução e caridade.

No capítulo XIV do Livro dos Médiuns, Kardec define:

“Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. E de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta, ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações. As principais são: a dos médiuns de efeitos físicos; a dos médiuns sensitivos, ou impressionáveis; a dos audientes; a dos videntes; a dos sonambúlicos; a dos curadores; a dos pneumatógrafos; a dos escreventes, ou psicógrafos”.

Na obra Médiuns e Mediunidade, o Espírito Vianna de Carvalho, através do médium Divaldo Pereira Franco, adverte:

“A mediunidade é sempre uma percepção moralmente neutra, sendo os efeitos do seu exercício compatíveis com os valores éticos e morais daqueles que a detém.”

"A mediunidade não é sinal de santificação, nem apresenta características divinatória. Constitui, apenas, um meio de entrar em contato com as almas que viveram na terra, sendo os médiuns, por isso mesmo, mais responsáveis que as demais pessoas, por possuírem a prova da sobrevivência que chega a todos por seu intermédio"

Ao abordar os fenômenos mediúnicos Kardec, no capítulo IV do Livro dos Médiuns registra:

"Para que o fenômeno se produza, faz-se mister a intervenção de uma ou muitas pessoas dotadas de especial aptidão, que se designam pelo nome de médiuns". A seguir assevera: "Nenhum indício há pelo qual se reconheça a existência da faculdade mediúnica. Só a experiência pode revelá-la".

Portanto, ninguém tem o poder de "diagnosticar" a mediunidade em outrem. O médium é que se descobrirá como tal, pelas percepções que tenha.

Vianna de Carvalho, na obra acima citada, adverte sobre a responsabilidade do médium e seu compromisso em educar as forças mediúnicas, a fim de não comprometer-se com o uso inadequado dessa faculdade, ressaltando que:

"Os espíritos nobres não se submetem aos caprichos dos médiuns e das pessoas frívolas interessadas nos jogos vazios do personalismo perturbador, cedendo lugar aos vulgares e irresponsáveis quais os próprios medianeiros, realizando fenômenos de sintonia que os candidatam a obsessões sutis a princípio, a caminho de lamentáveis processos irreversíveis e dolorosos...".

Por fim, cumpre ressaltar que o exercício da mediunidade deve ser realizado somente no local adequado, ou seja, nas casas espíritas sérias, precedido de estudo aprofundado e com todas as cautelas, a fim de evitar as mistificações e engodos.

Também, não se coaduna com a prática mediúnica espírita a sua utilização como profissão ou meio de renda, aplicando integralmente o preceito cristão: daí de graça o que de graça recebeste (capítulo 26 do Evangelho Segundo o Espiritismo).

X – CÉU E INFERNO – ANJOS E DEMÔNIOS

A obra "O Céu e o Inferno", esclarece não existir nem céu e nem inferno, conforme as religiões tradicionais relatam, e muito menos anjos e demônios. No Capítulo III da citada obra, Kardec esclarece:

O homem compõe-se de corpo e Espírito: O Espírito é o ser principal, racional, inteligente; o corpo é o invólucro material que reveste o Espírito temporariamente, para cumprimento da sua missão na Terra e execução do trabalho necessário ao seu adiantamento. O corpo, usado, destrói-se e o Espírito sobrevive à sua destruição. Privado do Espírito, o corpo é apenas matéria inerte, qual instrumento privado da mola real de função; sem o corpo, o

Espírito é tudo: a vida, a inteligência. Em deixando o corpo, torna ao mundo espiritual, onde paira, para depois reencarnar.

"Existem, portanto, dois mundos: O *Corporal*, composto de Espíritos encarnados; e o *Espiritual*, formado dos espíritos desencarnados. Os seres do mundo corporal, devido mesmo à materialidade de seu envoltório, estão ligados à Terra ou a qualquer globo; o mundo espiritual ostenta-se por toda a parte, em redor de nós como no espaço, sem limite designado. Em razão mesmo da natureza fluídica do seu envoltório, os seres que o compõem, em lugar de se moverem penosamente sobre o solo, transpõem as distâncias com a rapidez do pensamento. A morte do corpo não é mais que a ruptura dos laços que os retinham cativos."

Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas dotados de aptidões para tudo conhecerem e para progredirem, em virtude de seu livre-arbítrio. Pelo progresso adquirem novos conhecimentos e novas faculdades, novas percepções e, conseqüentemente, novos gozos desconhecidos dos Espíritos inferiores; eles vêem, ouvem, sentem e compreendem o que os Espíritos atrasados não podem ver, sentir, ouvir ou compreender.

"A felicidade está na razão direta do progresso realizado, de sorte que, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz quanto o outro, unicamente por não possuir o mesmo adiantamento intelectual e moral, sem que por isso precisem estar, cada qual em lugar distinto. Ainda que juntos, pode um estar em trevas, enquanto que tudo resplandece para o outro, tal qual um cego e um vidente que se dão as mãos: este percebe a luz da qual aquele não recebe a mínima impressão. Sendo a felicidade dos Espíritos inerente às suas qualidades haurem-na eles em toda parte em que se encontram, seja à superfície da Terra, no meio dos encarnados, ou no Espaço."

"A Felicidade dos Espíritos bem-aventurados não consiste na ociosidade contemplativa, que seria como temos dito muitas vezes, uma eterna e fastidiosa inutilidade." "A vida espiritual em todos os graus é, ao contrário, uma constante atividade, mas atividade isenta de fadigas".

"As atribuições dos Espíritos são proporcionadas ao seu progresso, às luzes que possuam, às suas capacidades, experiência e grau de confiança inspirada no Senhor Soberano."

No Capítulo IX de "O Céu e o inferno", o Codificador do Espiritismo ensina:

Segundo o Espiritismo, nem anjos, nem demônios são entidades distintas, por isso que a criação de seres inteligentes é uma só. Unidos a corpos materiais esses seres constituem a Humanidade que povoa a terra e as outras esferas habitadas; uma vez libertos do corpo material, constituem o mundo espiritual ou dos Espíritos, que povoam os Espaços. Deus Criou-os *perfectíveis* e deu-lhes por escopo a perfeição, com a felicidade que dela decorre. Não lhes deu, contudo, a perfeição, pois quis que a obtivessem por seu próprio esforço, a fim de que também e realmente lhes pertencesse o mérito. Desde o momento da sua criação que os seres progredem, quer

encarnado, quer no estado espiritual. Atingindo o apogeu, tornam-se *puros espíritos* ou anjos segundo a expressão vulgar, de sorte que, a partir do embrião do ser inteligente até ao anjo, há uma cadeia na qual cada um dos elos assinala um grau de progresso.

Do exposto resulta que há Espíritos em todos os graus de adiantamento, moral e intelectual, conforme a posição em que se acham, na imensa escala do progresso.

Em todos os graus existe, portanto, ignorância e saber, bondade e maldade. Nas classes inferiores destacam-se Espíritos ainda profundamente propensos à prática do mal. A estes pode-se denominar *demônios*, pois são capazes de todos os malefícios aos ditos atribuídos. O Espiritismo não lhes dá tal nome por se prender ele à ideia de uma criação distinta do gênero humano, como seres de natureza essencialmente perversa, votados ao mal eternamente e incapazes de qualquer progresso para o bem.

Anjos da Guarda

Conforme o Capítulo XXVIII do "Evangelho Segundo o Espiritismo":

"Todos temos, ligados a nós, desde o nosso nascimento, um Espírito bom, que nos tomou sob a sua proteção. Desempenha junto de nós, a missão de um pai para com seu filho: a de nos conduzir pelo caminho do bem e do progresso, através das provações da vida. Sente-se feliz, quando correspondemos à sua solicitude; sofre quando nos vê sucumbir".

Seu nome pouco importa, pois bem pode dar-se que não tenha conhecido na terra. Invocamo-lo, então, como nosso anjo guardião, nosso bom gênio. Podemos invocá-lo sob o nome de qualquer Espírito superior, que mais viva e particular simpatia nos inspire.

Além do Anjo guardião, que é sempre um Espírito superior, temos Espíritos protetores que, embora menos elevados, não são menos bons e magnânimos. Contamo-los entre amigos, ou parentes, ou, até, entre pessoas que não conhecemos na existência atual. Eles nos assistem com os seus conselhos e, não raro, intervindo nos atos da nossa vida.

Espíritos simpáticos são os que se nos ligam por uma certa analogia de gostos e pendoros. Podem ser bons ou maus, conforme a natureza das inclinações nossas que os atraíam.

Os Espíritos sedutores se esforçam por nos afastar das veredas do bem, sugerindo-nos maus pensamentos. Aproveitam-se de todas as nossas fraquezas, como de outras tantas portas abertas, que lhes facultam acesso à nossa alma. Há alguns que nos aferram como a uma presa, mas que se afastam, em se *reconhecendo impotentes para lutar contra a nossa vontade*.

Deus, em nosso anjo guardião, nos deu um guia principal e superior e, nos Espíritos protetores e familiares, guias secundários. Fora erro, porém, acreditarmos que *forçosamente*, temos um mau gênio ao nosso lado, para

contrabalançar as boas influências que sobre nós se exerçam. Os maus Espíritos ocorrem *voluntariamente*, desde que achem meio de assumir predomínio sobre nós, ou pela nossa fraqueza, ou pela negligência que tenhamos em seguir as inspirações dos bons Espíritos. Somos nós, portanto, que os atraímos. Resulta desse fato que jamais nos encontramos privados da assistência dos bons Espíritos e que de nós depende o afastamento dos maus. Sendo, por suas imperfeições, a causa primária das misérias que o afligem, o homem é, as mais das vezes, o seu próprio mau gênio.

XI – A PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS

Falando sobre as consequências que o progresso das ciências, em especial da astronomia, exerceu sobre a concepção acerca do mundo, Allan Kardec em O Céu e o Inferno, refere:

A Terra não é mais o eixo do Universo, porém um dos menores astros que rolam na imensidade; o próprio Sol mais não é do que o centro de um turbilhão planetário; as estrelas são outros tantos e inumeráveis sóis, em torno dos quais circulam mundos sem conta, separados por distâncias apenas acessíveis ao pensamento, embora se nos afigure tocarem-se. Neste conjunto grandioso, regido por leis eternas — reveladoras da sabedoria e onipotência do Criador—, a Terra não é mais que um ponto imperceptível e um dos planetas menos favorecidos quanto à habitabilidade. E, assim sendo, é lícito perguntar por que Deus faria da Terra a única sede da vida e nela degradaria as suas criaturas prediletas? Mas, ao contrário, tudo anuncia a vida por toda parte e a Humanidade é infinita como o Universo.

Revelando-nos a Ciência mundos semelhantes ao nosso, Deus não podia tê-los criado sem intuito, antes deve tê-los povoado de seres capazes de governá-los.

[...]

O homem compõe-se de corpo e Espírito: o Espírito é o ser principal, racional, inteligente; o corpo é o invólucro material que reveste o Espírito temporariamente, para preenchimento da sua missão na Terra e execução do trabalho necessário ao seu adiantamento. O corpo, usado, destrói-se e o Espírito sobrevive à sua destruição. Privado do Espírito, o corpo é apenas matéria inerte, qual instrumento privado da mola real de função; sem o corpo, o Espírito é tudo: a vida, a inteligência. Em deixando o corpo, torna ao mundo espiritual, onde paira, para depois reencarnar.

Existem, portanto, dois mundos: o corporal composto de Espíritos encarnados; e o espiritual formado dos Espíritos desencarnados. Os seres do mundo corporal, devido mesmo à materialidade do seu envoltório, estão ligados à Terra ou a qualquer globo; o mundo espiritual ostenta-se por toda parte, em redor de nós como no Espaço, sem limite algum designado. Em razão mesmo da natureza fluídica do seu envoltório, os seres que o compõem,

em lugar de se locomoverem penosamente sobre o solo, transpõem as distâncias com a rapidez do pensamento. A morte do corpo não é mais que a ruptura dos laços que os retinham cativos.

[...]

A reencarnação pode dar-se na Terra ou em outros mundos. Há entre os mundos alguns mais adiantados onde a existência se exerce em condições menos penosas que na Terra, física e moralmente, mas onde também só são admitidos Espíritos chegados a um grau de perfeição relativo ao estado desses mundos.

Cumpramos destacar os ensinamentos do Evangelho Segundo o Espiritismo, que, no seu capítulo III, tem como título, “Há muitas moradas na casa do meu Pai”, conforme segue:

“1. Não se turbe o vosso coração. – Crede em Deus, crede também em mim. Há muitas moradas na casa de meu Pai; se assim não fosse, já eu vo-lo teria dito, pois me vou para vos preparar o lugar. – Depois que me tenha ido e que vos houver preparado o lugar, voltarei e vos retirarei para mim, a fim de que onde eu estiver também vós aí estejais. (S. JOÃO, 14:1 a 3.)”

”2. A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos”.

Diferentes Estados da Alma na Erraticidade

Independente da diversidade dos mundos, essas palavras de Jesus também podem referir-se ao estado venturoso ou desgraçado do Espírito na erraticidade. Conforme se ache este mais ou menos depurado e desprendido dos laços materiais, variarão ao infinito o meio em que ele se encontre o aspecto das coisas, as sensações que experimente e as percepções que tenha. Enquanto uns não se podem afastar da esfera onde viveram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos; enquanto alguns Espíritos culpados erram nas trevas, os bem-aventurados gozam de resplendente claridade e do espetáculo sublime do Infinito; finalmente, enquanto o mau, atormentado de remorsos e pesares, muitas vezes insulado, sem consolação, separado dos que constituíam objeto de suas afeições, pena sob o guante dos sofrimentos morais, o justo, em convívio com aqueles a quem ama, frui as delícias de uma felicidade indizível. Também nisso, portanto, há muitas moradas, embora não circunscritas, nem localizadas”.

Diferentes Categorias de Mundos Habitados

3. Do ensino dado pelos Espíritos, resulta que muito diferentes umas das outras são as condições dos mundos, quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade dos seus habitantes. Entre eles há os em que estes últimos são ainda inferiores aos da Terra, física e moralmente; outros, da mesma categoria que o nosso; e outros que lhe são mais ou menos superiores a todos os

respeitos. Nos mundos inferiores, a existência é toda material, reinam soberanas as paixões, sendo quase nula a vida moral. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, por assim dizer, toda espiritual”.

“4. Nos mundos intermédios, misturam-se o bem e o mal, predominando um ou outro, segundo o grau de adiantamento da maioria dos que os habitam. Embora se não possa fazer, dos diversos mundos, uma classificação absoluta, pode-se, contudo, em virtude do estado em que se acham e da destinação que trazem, tomando por base os matizes mais salientes, dividi-los, de modo geral, como segue: mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana; mundos de expiação e provas, onde domina o mal; mundos de regeneração, nos quais as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta; mundos ditosos, onde o bem sobrepuja o mal; mundos celestes ou divinos, habitações de Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem. A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, razão por que aí vive o homem a braços com tantas misérias”.

“5. Os Espíritos que encarnam em um mundo não se acham a ele presos indefinidamente, nem nele atravessam todas as fases do progresso que lhes cumpre realizar, para atingir a perfeição. Quando, em um mundo, eles alcançam o grau de adiantamento que esse mundo comporta, passam para outro mais adiantado, e assim por diante, até que cheguem ao estado de puros Espíritos. São outras tantas estações, em cada uma das quais se lhes deparam elementos de progresso apropriados ao adiantamento que já conquistaram. É-lhes uma recompensa ascenderem a um mundo de ordem mais elevada, como é um castigo o prolongarem a sua permanência em um mundo desgraçado, ou serem relegados para outro ainda mais infeliz do que aquele a que sevêm impedidos de voltar quando se obstinaram no mal”.

XII – A LEI DE CAUSA E EFEITO

No capítulo V do Evangelho Segundo o Espiritismo, intitulado “Bem Aventurados os Aflitos, são abordadas as causas das aflições”:

“De duas espécies são as vicissitudes da vida, ou, se o preferirem, promanam de duas fontes bem diferentes, que importa distinguir. Umas têm sua causa na vida presente; outras, fora desta vida”.

“Remontando-se à origem dos males terrestres, reconhecer-se-á que muitos são consequência natural do caráter e do proceder dos que os suportam”.

[...]

“Interroguem friamente suas consciências todos os que são feridos no coração pelas vicissitudes e decepções da vida; remontem passo a passo à

origem dos males que os torturam e verifiquem se, as mais das vezes, não poderão dizer: *Se eu houvesse feito, ou deixado de fazer tal coisa, não estaria em semelhante condição*”.

“A quem, então, há de o homem responsabilizar por todas essas aflições, senão a si mesmo? O homem, pois, em grande número de casos, é o causador de seus próprios infortúnios; mas, em vez de reconhecê-lo, acha mais simples, menos humilhante para a sua vaidade acusar a sorte, a Providência, a má fortuna, a má estrela, ao passo que a má estrela é apenas a sua incúria”.

“Os males dessa natureza fornecem, indubitavelmente, um notável contingente ao cômputo das vicissitudes da vida. O homem as evitará quando trabalhar por se melhorar moralmente, tanto quanto intelectualmente”.

[...]

Causas Anteriores das Aflições

“Mas, se há males nesta vida cuja causa primária é o homem, outros há também aos quais, pelo menos na aparência, ele é completamente estranho e que parecem atingi-lo como por fatalidade. Tal, por exemplo, a perda de entes queridos e a dos que são o amparo da família. Tais, ainda, os acidentes que nenhuma previsão poderia impedir; os reveses da fortuna, que frustram todas as precauções aconselhadas pela prudência; os flagelos naturais, as enfermidades de nascença, sobretudo as que tiram a tantos infelizes os meios de ganhar a vida pelo trabalho: as deformidades, a idiotia, o cretinismo, etc”.

[...]

“Todavia, por virtude do axioma segundo o qual todo efeito tem uma causa, tais misérias são efeitos que hão de ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. Ora, ao efeito precedendo sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente. Por outro lado, não podendo Deus punir alguém pelo bem que fez, nem pelo mal que não fez, se somos punidos, é que fizemos o mal; se esse mal não o fizemos na presente vida, tê-lo-emos feito noutra. É uma alternativa a que ninguém pode fugir e em que a lógica decide de que parte se acha a justiça de Deus”.

“O homem, pois, nem sempre é punido, ou punido completamente, na sua existência atual; mas não escapa nunca às consequências de suas faltas. A prosperidade do mau é apenas momentânea; se ele não expiar hoje, expiará amanhã, ao passo que aquele que sofre está expiando o seu passado. O infortúnio que, à primeira vista, parece imerecido tem sua razão de ser, e aquele que se encontra em sofrimento pode sempre dizer: *“Perdoa-me, Senhor, porque pequei.”*

“Os sofrimentos devidos a causas anteriores à existência presente, como os que se originam de culpas atuais, são muitas vezes a consequência da falta cometida, isto é, o homem, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, sofre o que fez sofrer aos outros. Se foi duro e desumano, poderá ser a seu turno tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em humilhante condição; se foi avaro, egoísta, ou se fez mau uso de suas riquezas, poderá ver-se privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer pelo procedimento de seus filhos, etc.”

[...]

“As tribulações podem ser impostas a Espíritos endurecidos, ou extremamente ignorantes, para levá-los a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Os Espíritos penitentes, porém, desejosos de reparar o mal que hajam feito e de proceder melhor, esses as escolhem livremente. Tal o caso de um que, havendo desempenhado mal sua tarefa, pede lha deixem recomeçar, para não perder o fruto de seu trabalho. As tribulações, portanto, são, ao mesmo tempo, expiações do passado, que recebe nelas o merecido castigo, e provas com relação ao futuro, que elas preparam. Rendamos graças a Deus, que, em sua bondade, faculta ao homem reparar seus erros e não o condena irrevogavelmente por uma primeira falta”.

Frisa-se que não se pode considerar que todos os sofrimentos são consequências de erros do passado. Embora haja sofrimento como expiação, existem aqueles que fazem parte de provas, escolhidas pelo Espírito, visando maior progresso espiritual, bem como os casos em que são decorrência de uma missão assumida, visando não somente o próprio crescimento, mas também contribuir com a evolução da humanidade. A esse respeito, Kardec ressalta, em O Evangelho Segundo o Espiritismo:

“Não há crer, no entanto, que todo sofrimento suportado neste mundo denote a existência de uma determinada falta. Muitas vezes são simples provas buscadas pelo Espírito para concluir a sua depuração e ativar o seu progresso. Assim, a expiação serve sempre de prova, mas nem sempre a prova é uma expiação. Provas e expiações, todavia, são sempre sinais de relativa inferioridade, porquanto o que é perfeito não precisa ser provado. Pode, pois, um Espírito haver chegado a certo grau de elevação e, nada obstante, desejoso de adiantar-se mais, solicitar uma missão, uma tarefa a executar, pela qual tanto mais recompensado será, se sair vitorioso, quanto mais rude haja sido a luta. Tais são, especialmente, essas pessoas de instintos naturalmente bons, de alma elevada, de nobres sentimentos inatos, que parece nada de mau haverem trazido de suas precedentes existências e que sofrem, com resignação toda cristã, as maiores dores, somente pedindo a Deus que as possam suportar sem murmurar. Pode-se, ao contrário, considerar como expiações as aflições que provocam queixas e impelem o homem à revolta contra Deus”.

“Sem dúvida, o sofrimento que não provoca queixumes pode ser uma expiação; mas, é indício de que foi buscada voluntariamente, antes que imposta, e constitui prova de forte resolução, o que é sinal de progresso”.

Esquecimento do Passado

Em vão se objeta que o esquecimento constitui obstáculo a que se possa aproveitar da experiência de vidas anteriores. Havendo Deus entendido de lançar um véu sobre o passado, é que há nisso vantagem. Com efeito, a lembrança traria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou, então, exaltar-nos o orgulho e, assim, entravar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais”.

“Frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes haja feito. Se reconhecesse nelas as a quem odiara, quiçá o ódio se lhe despertaria outra vez no íntimo. De todo modo, ele se sentiria humilhado em presença daquelas a quem houvesse ofendido”.

“Para nos melhorarmos, outorgou-nos Deus, precisamente, o de que necessitamos e nos basta: a voz da consciência e as tendências instintivas. Priva-nos do que nos seria prejudicial”.

Deve ser observado que, embora seja comum no meio espírita ser referido à “Lei de Ação e Reação”, tal expressão não foi usada por Kardec nas obras básicas, as quais referem somente à Lei da causa e Efeito.

XIII – O CONSOLADOR PROMETIDO

Na obra A Gênese, Kardec fala das três grandes revelações, conforme segue:

“Moisés, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único, Soberano Senhor e Orientador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e lançou as bases da verdadeira fé. Como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa primitiva fé, purificando-se, havia de espalhar-se por sobre a Terra”.

O Cristo, tomando da antiga lei o que é eterno e divino e rejeitando o que era transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou a revelação da vida futura, de que Moisés não falara, assim como a das penas e recompensas que aguardam o homem, depois da morte”.

“A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de fonte primária, de pedra angular de toda a sua doutrina é o ponto de vista inteiramente novo sob que considera ele a Divindade. Esta já não é o Deus terrível, ciumento, vingativo, de Moisés; o Deus cruel e implacável, que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos, e que castiga aqueles que poupam as vítimas; já não é o Deus injusto, que pune um povo inteiro pela falta do seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que fere os

filhos pelas faltas dos pais; mas, um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido e dá a cada um segundo as suas obras. Já não é o Deus de um único povo privilegiado, o Deus dos exércitos, presidindo aos combates para sustentar a sua própria causa contra o Deus dos outros povos; mas, o Pai comum do gênero humano, que estende a sua proteção por sobre todos os seus filhos e os chama todos a si; já não é o Deus que recompensa e pune só pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da progenitura, mas, sim, um Deus que diz aos homens: “A vossa verdadeira pátria não é neste mundo, mas no reino celestial, lá onde os humildes de coração serão elevados e os orgulhosos serão humilhados.” Já não é o Deus que faz da vingança uma virtude e ordena se retribua olho por olho, dente por dente; mas, o Deus de misericórdia, que diz: “Perdoai as ofensas, se quereis ser perdoados; fazei o bem em troca do mal; não façais o que não quereis vos façam.” Já não é o Deus mesquinho e meticuloso, que impõe, sob as mais rigorosas penas, o modo como quer ser adorado, que se ofende pela inobservância de uma fórmula; mas, o Deus grande, que vê o pensamento e que se não honra com a forma. Enfim, já não é o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado”.

[...]

“Entretanto, o Cristo acrescenta: “Muitas das coisas que vos digo ainda não as compreendeis e muitas outras teria a dizer, que não compreenderíeis; por isso é que vos falo por parábolas; mais tarde, porém, enviar-vos-ei o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vo-las explicará todas.” (S. João, 14,16; S. Mateus, 17)”.

“Se o Cristo não disse tudo quanto poderia dizer, é que julgou conveniente deixar certas verdades na sombra, até que os homens chegassem ao estado de compreendê-las. Como ele próprio o confessou, seu ensino era incompleto, pois anunciava a vinda daquele que o completaria; previra, pois, que suas palavras não seriam bem interpretadas, e que os homens se desviariam do seu ensino; em suma, que desfariam o que ele fez, uma vez que todas as coisas hão de ser restabelecidas: ora, só se restabelece aquilo que foi desfeito”.

“Por que chama ele Consolador ao novo messias? Este nome, significativo e sem ambiguidade, encerra toda uma revelação. Assim, ele previa que os homens teriam necessidade de consolações, o que implica a insuficiência daquelas que eles achariam na crença que iam fundar. Talvez nunca o Cristo fosse tão claro, tão explícito, como nestas últimas palavras, às quais poucas pessoas deram atenção bastante, provavelmente porque evitaram esclarecê-las e aprofundar-lhes o sentido profético”.

“Se o Cristo não pôde desenvolver o seu ensino de maneira completa, é que faltavam aos homens conhecimentos que eles só podiam adquirir com o tempo e sem os quais não o compreenderiam; há muitas coisas que teriam parecido absurdas no estado dos conhecimentos de então. Completar o seu ensino deve entender-se no sentido de explicar e desenvolver, não no de

ajuntar-lhe verdades novas, porque tudo nele se encontra em estado de gérmen, faltando--lhe só a chave para se apreender o sentido das palavras”.

[...]

“O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é consequência direta da sua doutrina. À ideia vaga da vida futura, acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e com isso precisa a crença, dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade à ideia. Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte. Pelo Espiritismo, o homem sabe donde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e vê por toda parte a justiça de Deus. Sabe que a alma progride incessantemente, através de uma série de existências sucessivas, até atingir o grau de perfeição que a aproxima de Deus. Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de origem, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir, em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência e que não há entre elas diferença, senão quanto ao progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão a mesma meta, mais ou menos rapidamente, pelo trabalho e boa vontade”.

“Sabe que não há criaturas deserdadas, nem mais favorecidas umas do que outras; que Deus a nenhuma criou privilegiada e dispensada do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que os que se designam pelo nome de demônios são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no espaço, como o praticavam na Terra, mas que se adiantarão e aperfeiçoarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres à parte na criação, mas Espíritos que chegaram à meta, depois de terem percorrido a estrada do progresso; que, por essa forma, não há criações múltiplas, nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação deriva da grande lei de unidade que rege o Universo e que todos os seres gravitam para um fim comum que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, visto serem todos filhos das suas próprias obras”.

“Pelos relações que hoje pode estabelecer com aqueles que deixaram a Terra, possui o homem não só a prova material da existência e da individualidade da alma, como também compreende a solidariedade que liga os vivos aos mortos deste mundo e os deste mundo aos dos outros planetas. Conhece a situação deles no mundo dos Espíritos, acompanha-os em suas migrações, aprecia-lhes as alegrias e as penas; sabe a razão por que são felizes ou infelizes e a sorte que lhes está reservada, conforme o bem ou o mal que fizerem. Essas relações iniciam o homem na vida futura, que ele pode observar em todas as suas fases, em todas as suas peripécias; o futuro já não é uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. Desde então, a morte nada mais tem de aterrador, por lhe ser a libertação, a porta da verdadeira vida”.

[...]

“A pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho, sem, todavia defini-lo como a muitos outros, é uma das mais importantes leis reveladas pelo Espiritismo, pois que lhe demonstra a realidade e a necessidade para o progresso. Com esta lei, o homem explica todas as aparentes anomalias da vida humana; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis à alma as existências breves; a desigualdade de aptidões intelectuais e morais, pela ancianidade do Espírito que mais ou menos aprendeu e progrediu, e traz, nascendo, o que adquiriu em suas existências anteriores”.

[...]

“O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza, que revela, tudo quanto o Cristo disse e fez; elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte que aqueles para quem eram ininteligíveis certas partes do Evangelho, ou pareciam inadmissíveis, as compreendem e admitem, sem dificuldade, com o auxílio desta doutrina; vêem melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria; o Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino”.

“Demais, se considerar o poder moralizador do Espiritismo, pela finalidade que assina a todas as ações da vida, por tornar quase tangíveis as consequências do bem e do mal, pela força moral, a coragem e as consolações que dá nas aflições, mediante inalterável confiança no futuro, pela ideia de ter cada um perto de si os seres a quem amou, a certeza de os rever, a possibilidade de confabular com eles; enfim, pela certeza de que tudo quanto se fez, quanto se adquiriu em inteligência, sabedoria, moralidade, até à última hora da vida, não fica perdido, que tudo aproveita ao adiantamento do Espírito, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do Consolador anunciado. Ora, como é o Espírito de Verdade que preside ao grande movimento da regeneração, a promessa da sua vinda se acha por essa forma cumprida, porque, de fato, é ele o verdadeiro Consolador”.

XIV – PASSE

Divaldo Pereira Franco afirma que:

“O passe é essa doação de energias que nós colocamos ao alcance dos que se encontram com deficiências, de modo que eles possam ter seus centros vitais reestimulados e, em consequência disso, recobrem o equilíbrio ou a saúde, se for o caso”.

Assim, pode-se dizer que o passe consiste em uma transfusão de energia, também denominado fluidoterapia. Kardec, ao estudar o assunto, utiliza o termo “magnetismo”.

Para compreender o mecanismo do passe é preciso ter presente a existência dos fluidos. E, para explicar os fluidos, nada melhor que Allan Kardec, que trata do assunto no Capítulo XIV do livro "A Gênese":

"O fluido cósmico universal é, como já foi demonstrado, a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem as inumeráveis variedades dos corpos da Natureza. (Cap. X.). Como princípio elementar do Universo, ele assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar o primitivo estado normal, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele.[...]."

"Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, a bem dizer, a atmosfera dos seres espirituais; o elemento donde eles tiram os materiais sobre que operam; o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente à matéria tangível; o meio onde se forma a luz peculiar ao mundo espiritual, diferente, pela causa e pelos efeitos da luz ordinária: finalmente, o veículo do pensamento, como o ar o é do som."

"Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre os fluidos como o som sobre o ar; eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se pois dizer, sem receio de errar, que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros."

"Tem consequência de importância capital e direta para os encarnados a ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais. Sendo esses fluidos o veículo do pensamento e podendo este modificar-lhes as propriedades, é evidente que eles devem achar-se impregnados das qualidades boas ou más dos pensamentos que os fazem vibrar, modificando-se pela pureza ou impureza dos sentimentos. Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas deletérios corrompem o ar respirável. Os fluidos que envolvem os Espíritos maus, ou que estes projetam são, viciados, ao passo que os que recebem a influência dos bons Espíritos são tão puros quanto o comporta o grau de perfeição moral destes."

"Sendo apenas Espíritos encarnados, os homens têm uma parcela de vida espiritual, visto que vivem dessa vida tanto quanto da vida corporal; primeiramente durante o sono e, muitas vezes, no estado de vigília. O Espírito, encarnado, conserva, com as qualidades que lhe são próprias, o seu perispírito que, como se sabe, não fica circunscrito pelo corpo, mas irradia ao seu redor e o envolve como que de uma atmosfera fluídica".

"Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito desempenha preponderante papel no organismo. Pela sua expansão, põe o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres e também com os Espíritos encarnados".

"O pensamento do encarnado atua sobre os fluidos espirituais, como o dos desencarnados, e se transmite de Espírito a Espírito pelas mesmas vias e, conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos ambientais."

"Desde que estes se modificam pela projeção dos pensamentos do Espírito, seu invólucro perispíritico, que é parte constituinte do seu ser e que recebe de modo direto e permanente a impressão de seus pensamentos, há de, ainda mais, guardar a de suas qualidades boas ou más. Os fluidos viciados pelos eflúvios dos maus Espíritos podem depurar-se pelo afastamento destes, cujos perispíritos, porém, serão sempre os mesmos, enquanto o Espírito não se modificar por si próprio".

"Sendo o perispírito dos encarnados de natureza idêntica à dos fluidos espirituais, ele os assimila com facilidade, como uma esponja se embebe de um líquido. Esses fluidos exercem sobre o perispírito uma ação tanto ou mais direta, quanto, por sua expansão e sua irradiação, o perispírito com eles se confunde".

"Atuando esses fluidos sobre o perispírito, este, a seu turno, reage sobre o organismo material com que se acha em contato molecular. Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo ressentido uma impressão salutar; se são maus, a impressão é penosa. Se são permanentes e enérgicos, os eflúvios maus podem ocasionar desordens físicas; não é outra a causa de certas enfermidades."

Como se há visto, o fluido universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, os quais são simples transformações dele. Pela identidade da sua natureza, esse fluido, condensado no perispírito, pode fornecer princípios reparadores ao corpo; o Espírito, encarnado ou desencarnado, é o agente propulsor que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância do seu envoltório fluídico. A cura se opera mediante a substituição de uma molécula malsã por uma molécula sã. O poder curativo estará, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas depende também da energia da vontade que, quanto maior for, tanto mais abundante emissão fluídica provocará e tanto maior força de penetração dará ao fluido. Depende ainda das intenções daquele que deseja realizar a cura, seja *homem* ou *Espírito*. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são quais substâncias medicamentosas alteradas.

"São extremamente variados os efeitos da ação fluídica sobre os doentes, de acordo com as circunstâncias. Algumas vezes é lenta e reclama tratamento prolongado, como no magnetismo ordinário; de outras vezes é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder, por meio apenas da imposição das mãos, ou, até, exclusivamente por ato da vontade. Entre os dois pólos extremos dessa faculdade, há infinitos matizes. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só diferem pela intensidade e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: o fluido a desempenhar o papel de agente terapêutico e cujo efeito se acha subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais".

A ação magnética pode produzir-se de muitas maneiras:

1º. Pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano*, cuja ação se acha adstrita à força e, sobretudo, à qualidade do fluido;

2º. Pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e *sem intermediário* sobre um encarnado, seja para curá-lo ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o *magnetismo espiritual*, cuja qualidade está na razão direta das qualidades dos Espíritos;

3º. Pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador, que serve de veículo para esse derramamento. É o *magnetismo misto, semi-espiritual*, ou, se o preferirem, *humano-espiritual*. Combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades de que ele carece. Em tais circunstâncias, o concurso dos Espíritos é amiúde espontâneo, porém, as mais das vezes, provocado por um apelo do magnetizador.

"É muito comum a faculdade de curar pela influência fluídica e pode desenvolver-se por meio do exercício; mas a de curar instantaneamente, pela imposição das mãos, essa é mais rara e o seu grau máximo se deve considerar excepcional.[...]".

A partir dos ensinamentos de Kardec, podemos entender a ação do passe, que é uma troca de fluidos, de energias psíquicas. O passista, pela força do seu pensamento, vai atuar sobre os fluidos, podendo receber o concurso dos bons Espíritos e direcionando estes fluidos ao paciente.

Precisamos ter presente, com relação ao passe o que segue:

a) Sendo o pensamento que atua sobre os fluidos imprimindo a eles qualidades boas ou más, não depende o passe de nenhum ritual, nenhuma manifestação externa, gestos, etc. Basta a imposição de mãos.

b) Como todos nós somos espíritos encarnados, todos podemos atuar sobre os fluidos pela força do pensamento, pelo que se segue que, qualquer pessoa pode dar passes, sendo que a única condição exigida é a fé e o amor. A fé que impulsionará o seu pensamento para a atuação salutar e o amor pelos irmãos que redundam no desejo firme e ardente de ajudar.

c) Sendo o paciente também um espírito encarnado, ele precisa estar receptivo ao passe, uma vez que se ele estiver descrente, será refratário aos fluidos que lhe são direcionados, em nada se beneficiando com o passe.

d) O passe deve ser dado em clima de oração, ou seja, no mais absoluto silêncio, não há necessidade de balbuciar palavras, chavões, fazer chiados, estalar dedos, esfregar as mãos e outras formas que as crenças populares mantêm e que, na realidade, de nada auxiliam, antes dificultam a concentração na vontade de ajudar, que deve ser atitude mental e espiritual.

e) As pessoas somente deviam tomar passe quando sentem necessidade. Há, entretanto, nas Casas Espíritas, o hábito, quase geral de tomar passe. Ora, quando entramos na casa já estamos em contato com fluidos salutares pelo ambiente de oração e pela presença dos bons Espíritos. Se nos concentrarmos e orarmos, o nosso perispírito irá absorver as influências salutares, não havendo necessidade do passe individual, a não ser que estejamos com um problema de saúde ou em circunstância emocional que apresentem necessidade maior.

f) O passe na Casa Espírita conta sempre com a presença dos bons Espíritos, os quais direcionam as energias psíquicas dos passistas e os fluidos espirituais conforme a necessidade do paciente. Assim, não há diferença entre o passe aplicado por um ou por outro passista, não devendo ser permitido que o paciente "escolha" o passista.

g) O passe deve ser dado na Casa Espírita de preferência na câmara de passes. Isso por que ali encontraremos o ambiente propício, livre das influências dos pensamentos e sentimentos negativos ou doentios que podem comprometer a qualidade do fluido recebido. Além do mais, dar passe fora da Casa Espírita pode ser muito arriscado, uma vez que o paciente pode sofrer uma incorporação e o passista ter dificuldade para atendê-lo.

h) O passista, a medida que dá o passe na Casa Espírita, está se carregando de fluidos, uma vez que ele serve de veículo aos fluidos espirituais. Ele pode sentir cansaço físico, mas nunca desgaste fluídico, se o trabalho for bem orientado.

i) O tempo de aplicação do passe não precisa ser muito prolongado. Na maioria das vezes, basta o tempo igual a oração do Pai Nosso.

j) Não se dá passe em objetos ou roupas. Sendo o fluido cósmico universal o veículo do pensamento e se estendendo este fluido por toda a parte, basta mentalizar a pessoa a ser beneficiada caso ela não esteja presente, que os fluidos chegarão até ela.

l) O passista deve ter muito cuidado com a sua conduta moral, uma vez que de sua elevação moral e espiritual vai depender a boa atuação e o merecimento do concurso dos bons Espíritos.

m) O passista deve se abster de dar passe se não estiver bem de saúde ou de humor. É preciso harmonia e equilíbrio para a boa sintonia. Precisa também, cuidar da higiene física e mental, bem como evitar os excessos alimentares e o uso de álcool ou cigarros.

Água fluidificada

A água fluidificada ou energizada é medicamento de grande valor nas curas espirituais. A água pela sua própria natureza já é um fluido condensado. No espiritismo, entende-se por água fluidificada aquela em que os fluidos medicamentosos foram imersos por ação magnética do médium ou por intermédio de espíritos benfazejos. A água fluidificada é um dos mais notáveis

coadjuvantes dos tratamentos fluidoterápicos, pois ao contrário dos tratamentos por magnetizadores comuns, os passes recebidos na casa espírita são intercalados de dois a três por semana. Como a fluidificação do paciente por ocasião do passe está sujeita a sofrer perdas devido ao seu comportamento psíquico (moral) e até orgânico, a absorção dos fluidos restauradores, de forma complementar, pela água fluidificada equilibra e sustenta o quadro fluídico renovado do paciente, em tese, até a sua próxima sessão de passe.

A água é um condutor fluídico por excelência refletindo o teor e as vibrações normais daqueles que delas se servem para todos os fins.

XV – A LEI DA ADORAÇÃO – A PRECE – O EVANGELHO NO LAR

No capítulo 2 do Livro dos Espíritos, é abordada a Lei da Adoração, conforme as questões que seguem:

649 - Em que consiste a adoração?

– É a elevação do pensamento a Deus. Pela adoração, a alma se aproxima d’Ele.

650 - A adoração é para o homem resultado de um sentimento natural ou consequência de um ensinamento?

– É sentimento inato, como o da existência de Deus. A consciência de sua fraqueza leva o homem a se curvar diante d’Aquele que pode protegê-lo.

651 - Houve povos desprovidos de todo sentimento de adoração?

– Não, nunca houve povos ateus. Todos compreendem que acima de tudo há um ser supremo.

652 - Pode-se considerar a adoração como tendo origem na lei natural?

– Ela está na lei natural, pois é o resultado de um sentimento natural no homem. Eis por que se encontra entre todos os povos, ainda que sob formas diferentes.

Na resposta à questão 654 do Livro dos Espíritos está expresso que “Deus prefere os que O adoram verdadeiramente com o coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, àqueles que acreditam honrá-lo por cerimônias que não os tornam melhores para com seus semelhantes”

Sobre a prece, o capítulo 2 do Livro dos Espíritos traz os seguintes ensinamentos:

658 - A prece é agradável a Deus?

– A prece é sempre agradável a Deus quando é do coração, porque a intenção é tudo e a prece do coração é preferível à que se pode ler, por mais bela que seja, se for lida mais com os lábios do que com o sentimento. A prece é agradável a Deus quando é dita com fé, fervor e sinceridade; mas não acrediteis que Ele seja tocado pela prece do homem fútil, orgulhoso e egoísta, a menos que signifique de sua parte um ato de sincero arrependimento e verdadeira humildade.

659 - Qual é o caráter geral da prece?

– A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar n'Ele; é se aproximar d'Ele; é se colocar em comunicação com Ele. Pela prece, podem-se propor três coisas: louvar, pedir, agradecer.

660 - A Prece torna o homem melhor?

– Sim, quem ora com fervor e confiança é mais forte contra as tentações do mal, e Deus envia bons Espíritos para assisti-lo. É um socorro nunca recusado quando pedido com sinceridade.

660 a - Por que algumas pessoas que oram muito têm, apesar disso, um caráter muito ruim, são invejosas, ciumentas, coléricas, não têm benevolência nem tolerância, podendo ser, algumas vezes, até mesmo viciosas?

– O essencial não é orar muito, mas orar bem. Essas pessoas acreditam que todo o mérito está no tamanho da prece e fecham os olhos para seus próprios defeitos. A prece é, para elas, uma ocupação, um emprego do tempo, não um estudo delas mesmas. Não é o remédio que é ineficaz, é a maneira como é empregado.

661 - É válido orar a Deus para perdoar nossas faltas?

– Deus sabe discernir o bem e o mal; a prece não oculta as faltas. Aquele que a Deus pede perdão de suas faltas apenas o obtém ao mudar de conduta. As boas ações são as melhores preces, porque os atos valem mais do que as palavras.

662 - É válido orar para outra pessoa?

– O Espírito daquele que ora age pela sua vontade de fazer o bem. Pela prece, atrai bons Espíritos que se associam ao bem que quer fazer.

Possuímos, em nós mesmos, pelo pensamento e pela vontade, um poder de ação que se estende além dos limites de nossa esfera corporal. A prece em favor de outras pessoas é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar os bons Espíritos para ajudar aquele por quem oramos, a fim de

lhe sugerir bons pensamentos e lhe dar ao corpo e à alma a força de que tem necessidade. Mas a prece do coração é tudo, a dos lábios não é nada.

663 - As preces que fazemos por nós mesmos podem mudar nossas provas e desviar-lhes o curso?

– Vossas provas estão nas mãos de Deus e há algumas que devem ser suportadas até o fim, mas Deus tem sempre em conta a resignação. A prece traz para junto de vós os bons Espíritos que dão a força de suportá-las com coragem e fazem com que pareçam menos duras. Já dissemos, a prece nunca é inútil quando é bem-feita, porque dá força àquele que ora, o que já é um grande resultado. Ajudai-vos e o céu vos ajudará, sabeis disso. Aliás, Deus não pode mudar a ordem da natureza à vontade de cada um, porque aquilo que é um grande mal sob o vosso ponto de vista mesquinho e vossa vida efêmera é, muitas vezes, um grande bem na ordem geral do universo. Além de tudo, quantos males há dos quais o homem é o próprio autor por sua imprevidência ou por suas faltas! É punido naquilo que errou. Entretanto, os pedidos justos são muitas vezes atendidos mais vezes do que supondes. Acreditais que Deus não vos tem escutado, porque não fez um milagre por vós, enquanto vos assiste por meios tão naturais que parecem o efeito do acaso ou da força das coisas; muitas vezes também, muitas vezes mesmo, Ele vos suscita o pensamento necessário para, por vós mesmos, sairdes do problema.

664 - É útil orar pelos mortos e pelos Espíritos sofredores? Nesse caso, como nossas preces podem levar alívio e abreviar seus sofrimentos? Têm elas o poder de fazer abrandar a justiça de Deus?

– A prece não pode ter por efeito mudar os desígnios de Deus, mas a alma para quem se ora experimenta alívio, porque é um testemunho de interesse que se lhe dá, e porque o infeliz sempre encontra alívio quando almas caridosas se compadecem de suas dores. De outro lado, pela prece, motiva-se ao arrependimento e ao desejo de fazer o que é preciso para ser feliz; é nesse sentido que se pode abreviar sua pena, se por seu lado ajudar com sua boa vontade. Esse desejo de melhorar, animado pela prece, atrai para junto do Espírito sofredor Espíritos melhores que vêm esclarecê-lo, consolá-lo e lhe dar esperança. Jesus orava pelas ovelhas desgarradas e mostra, dessa maneira, que sérieis culpados de não fazer o mesmo por aqueles que têm necessidade das vossas preces.

665 - O que pensar da opinião que rejeita a prece pelos mortos em razão de não estar recomendada no Evangelho?

– O Cristo disse: “Amái-vos uns aos outros”. Essa recomendação ensina que o homem deve empregar todos os meios possíveis para demonstrar afeição aos outros, sem entrar em detalhes sobre a maneira de atingir esse objetivo. Se é verdade que nada pode impedir o Criador de aplicar a justiça, da qual é a própria imagem, a todas as ações do Espírito, não é menos verdadeiro que a prece que Lhe dirigis em favor daquele que vos inspira afeição é um testemunho da lembrança que tendes dele, e apenas pode contribuir para aliviar seus sofrimentos e consolá-lo. A partir do momento em que ele sinta o

menor arrependimento, é, então, socorrido; mas ele nunca ignora que uma alma simpática se ocupou dele e lhe deixa o doce pensamento que essa intercessão foi útil. Resulta disso, necessariamente, de sua parte, um sentimento de reconhecimento e afeição por aquele que lhe deu essa prova de amizade ou piedade. Dessa maneira, o amor que o Cristo recomendava aos homens apenas aproximou-os entre si; portanto, os dois obedeceram à lei de amor e de união de todos os seres, lei divina que deve conduzir à unidade, objetivo e finalidade do Espírito.

666 - Pode-se orar aos Espíritos?

– Pode-se orar aos bons Espíritos como mensageiros de Deus e executores de Seus desígnios; mas seu poder está na sua superioridade e depende sempre do Senhor de todas as coisas, pois sem sua permissão nada se faz; por isso, as preces que lhes dirigimos são somente eficazes se são agradáveis a Deus.

Evangelho no Lar⁴:

1 - O que é o Evangelho no Lar?

É uma reunião semanal em família, com o objetivo de estudar o Evangelho de Jesus à luz da Doutrina Espírita, facilitando, assim, a compreensão e a vivência dos ensinamentos de Jesus.

2 - Quais os benefícios para a família que realiza o Evangelho no Lar?

União da família, através de momentos de paz e entendimento do Evangelho; despertamento da fraternidade entre os familiares; higienização do lar, através dos bons pensamentos e dos sentimentos elevados; aumento do conhecimento acerca do Evangelho de Jesus e da Doutrina Espírita, facilitando sua divulgação a outras pessoas; proporciona também o amparo necessário para enfrentar as dificuldades, bem como esclarece acerca da importância da oração e da vigilância aos próprios atos e pensamentos; elevação do padrão vibratório dos participantes, tornando-os mais acessíveis à influência dos amigos espirituais. Além disso, com o tempo, a proteção espiritual dos familiares torna-se mais efetiva, pois os Espíritos mais inferiores deixam de ter acesso àquele lar, devido à mudança da faixa vibratória dos moradores.

“O lar onde se cultiva o evangelho torna-se protegido. Os Espíritos desavisados, que vagueiam, perambulando em outra faixa vibratória, que não é a do bem, nele não têm acesso.” Maria T. Compri.

⁴ Texto sobre evangelho no Lar, integralmente copiado da página da internet: WWW.searadomestre.com.br/evangelizacao/evangelhonolar.doc

“O lar que cultiva a prece transforma-se em fortaleza, e as entidades das sombras experimentam choques de vulto, ao contato com as vibrações luminosas deste Santuário Doméstico.” André Luiz.

3 – Porque se deve marcar dia e horário na semana para realização do Evangelho no Lar?

Quando o Evangelho no Lar é praticado fielmente à data e ao horário semanal estabelecidos, são atraídos para o convívio doméstico Espíritos Superiores, que orientam e amparam, estimulam e protegem a todos. A presença de Espíritos iluminados no lar afasta aqueles de índole inferior, tornando o ambiente doméstico um posto avançado de luz, onde almas dedicadas ao bem estão sempre presentes. Além disso, as pessoas habituadas à oração, ao estudo e à vivência cristã, tornam-se mais sensíveis e passíveis às inspirações da espiritualidade amiga.

4 – Qual a duração do Evangelho no Lar?

A duração da reunião deve ser de 20 a 30 minutos, para que não se torne cansativa, especialmente quando há a presença de crianças e adolescentes.

5 - As crianças podem participar do Evangelho no Lar?

As crianças desde o berço podem e devem se fazer presentes no momento do Evangelho no Lar. Sua participação vai variar conforme a idade: desde bem pequenas podem ser incentivadas a participar, fazendo a prece, os comentários e as vibrações, e quando souberem ler, poderão realizar a leitura. É importante diversificar as atividades que as crianças realizam durante o Evangelho no Lar para que não se torne um momento cansativo e monótono. Não há problema algum em levar o pote de biscoitos ou outra comida, ou mesmo algum brinquedo para o momento de estudo, se isso for necessário para acalmar e manter as crianças harmonizadas.

Quando houver crianças participando, a leitura e os comentários devem ser realizados com linguagem que permita o entendimento por parte delas. Podem ser utilizados livros com histórias de conteúdo moral, evangélico ou espírita. É interessante que os pais conheçam previamente os livros e as histórias que serão lidas naquele dia, facilitando, assim, os comentários após a leitura.

É de grande importância que os adultos incentivem a participação das crianças e expliquem a elas o que acontece naquele momento de estudo e reunião em família.

6 - Veja abaixo um roteiro de como explicar para as crianças o que é e quais as etapas do Evangelho no Lar.

Roteiro para explicar a realização do Evangelho no Lar para a(s) criança(s):

O Evangelho é um livro onde podemos aprender sobre Jesus, as histórias que ele contava e as lições de paz e de amor que ele ensinou durante sua vida.

Para estudarmos o Evangelho de Jesus reunimos a família e fazemos o "Evangelho no Lar".

Devemos marcar um horário na semana, e convidar a família a estudar e trocar ideias. Tem a duração de aproximadamente 20 a 30 minutos.

Iniciamos o Evangelho no Lar com a prece do Pai Nosso ou outra prece simples e espontânea, depois lemos um trecho escolhido ou aberto ao acaso do livro "O Evangelho Segundo o Espiritismo" ou de outro livro que contenha os ensinamentos do Mestre Jesus.

Após a leitura, conversamos e cada pessoa diz o que entendeu, ou qual a mensagem do texto, sempre evitando discórdia ou "cobranças" de atitudes dos familiares.

O próximo passo é fazer as vibrações.

Vibração é um momento em que mandamos bons pensamentos e energias positivas para outras pessoas. Podemos vibrar pelos familiares, pelos amigos, pelos doentes e por todas as pessoas que achamos que necessitam de auxílio. Também podemos mandar boas vibrações para que as pessoas não briguem, não maltratem as crianças e os animais, que tenham emprego e saúde.

Neste momento podemos solicitar a magnetização da água. Magnetizar a água é colocar um pouco de água em um recipiente e solicitar, durante as vibrações, que os bons espíritos coloquem naquela água o remédio e os bons fluidos de que os participantes precisam naquele momento.

Terminamos o Evangelho no Lar com uma pequena prece.

BIBLIOGRAFIA:

1. FRANCO, Divaldo Pereira, TEIXEIRA, José Raul. **Diretrizes de Segurança: um diálogo em torno das múltiplas questões da mediunidade.** 9ª ed. Niterói: Frater, 2002.
 2. . FRANCO, Divaldo Pereira, pelo Espírito Vianna de Carvalho. **Médiuns e Mediunidade.**
 3. KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos.** Araras: Instituto de Difusão Espírita
 4. KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o espiritismo.** Rio de Janeiro: FEB.
 5. KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns.** São Paulo: Pensamento.
 6. KARDEC, Allan. **A gênese.** Rio de Janeiro: FEB.
 7. KARDEC, Allan. **O céu e o inferno.** Rio de Janeiro: FEB.
- <http://www.cepaccuritiba.org.br/index.php/o-que-espiritismo>
- <http://www.searadomestre.com.br/evangelizacao/antecedentefenomeno.htm>, acesso em 08-02-2012.
- <http://www.espirito.org.br/portal/palestras/geap/biokardec.html>, acesso em 07-2-2012.
- <http://www.espirito.org.br/portal/cursos/cbe-adep/caderno05-origem.html>, acesso em 12-02-2012
- <HTTP://www.searadomestre.com.br/evangelizacao/evangelhonolar.doc> - Acesso em 14-02-2012
- <http://www.espirito.org.br/portal/perguntas/prg-008.html>, acesso em 27/02/2012.
- http://www.guia.heu.nom.br/images/Prancheta_PsicografiaIndireta.jpg. Acesso em 26/08/2013